

# Paulo e a *autoria* de Hebreus

**13**

SONHE EM GRANDE  
Ouse sonhar!

**21**

O LIVRO DE SAVKA  
O poder da Escritura.

**38**

UM ENCONTRO  
PROVIDENCIAL  
Um testemunho transformador.



1 646188 623052

PUBLICADORA SERVIR  
MAIO 2023  
N. 912 | ANO 84 | €1,90



**"Eis que cedo venho."** A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL [revista.adventista@pservir.pt](mailto:revista.adventista@pservir.pt)

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SerVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo  
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES  
[assinaturas@pservir.pt](mailto:assinaturas@pservir.pt) | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

**MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão**

TIRAGEM **1000 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC

DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVIR, S. A.

## maio

D	S	T	Q	Q	S	S
30	1	2	3	[4]	5	6
7	[8]	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31	1	2	3

### DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

6 ASSEMBLEIA ESPIRITUAL

13 e 14 EFJA NÍVEL I – NORTE E CENTRO

21 SAL

27/5-3/6 CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE DA ADRA

29 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO

### COMUNIDADE DE ORAÇÃO

1-5 UNIÃO FRANCO-BELGA (FBU)

8-12 UNIÃO ROMENA (ROU)

15-19 REUNIÃO INTERCALAR DA DIVISÃO INTER-EUROPEIA (EUD)

22-26 ASSOCIAÇÃO DA SUÍÇA FRANCO-ITALIANA (SWU)

### [FH] FÉ DOS HOMENS

[4] QUINTA-FEIRA

[8] SEGUNDA-FEIRA

## junho

D	S	T	Q	Q	S	S
28	29	30	31	1	2	3
4	[5]	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
[25]	26	27	28	29	30	1

### DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

3 e 4 EFJA NÍVEL I – LISBOA E SUL

18 ENCONTRO REGIONAL DE DIRETORES DE MORDOMIA | ALENTEJO E ALGARVE

25 SAL

26 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO

### COMUNIDADE DE ORAÇÃO

29/5-2/6 CLÍNICA LA LIGNIÈRE (EUD)

5-9 ASSOCIAÇÃO BADEN-WUERTEMBERG (SGU)

12-16 FACULDADE VILLA AURORA (ITU)

19-23 ASSOCIAÇÃO SUÍÇA-ALEMÃ (SWU)

26-30 CASA PUBLICADORA VIE ET SANTÉ (FBU)

### [FH] FÉ DOS HOMENS

[5] SEGUNDA-FEIRA

### [C] CAMINHOS

[25] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 17:00 E AS 17:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

# Índice

## 04

### EDITORIAL

Hebreus e a *missão*

## 05

### BANCO DE LEITURA

Em Busca de Identidade

*Uma obra essencial para se compreenderem os fundamentos teológicos da nossa fé.*

## 06

### BÍBLIA

Sobre a autoria de Hebreus: Argumento em favor de Paulo

*Paulo é o autor da Epístola aos Hebreus?*

## 13

### ESTILO DE VIDA

Sonhe em grande!

*Sonhar com a bênção de Deus.*

## 17

### TEOLOGIA

O inovador Jesus

*Jesus foi um inovador teológico.*

## 21

### MISSÃO

O livro de Savka

*Uma história de devoção à Sagrada Escritura.*

## 25

### HISTÓRIA ADVENTISTA

Para a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Vila Meã/Castelões...  
*As Origens (Parte I)*

*Um pouco da história denominacional portuguesa.*

## 30

### DOM DE PROFECIA

Leitura efetiva

*Como ler Ellen G. White com proveito.*

## 35

### REFLEXÃO

Uma frase que se refuta a si mesma

*O absurdo do Evolucionismo Teísta.*

## 38

### TESTEMUNHO

Um encontro providencial

*Um encontro, um testemunho, uma conversão.*

## 39

### ESPÍRITO DE PROFECIA

A transformação de um homem

*A vocação de Paulo, o apóstolo dos Gentios.*

## 40

### PÁGINA DA FAMÍLIA

Como lidar com os problemas que surgem no casamento? *A abordagem pastoral de Paulo.*

*Valiosos conselhos do apóstolo.*

## 42

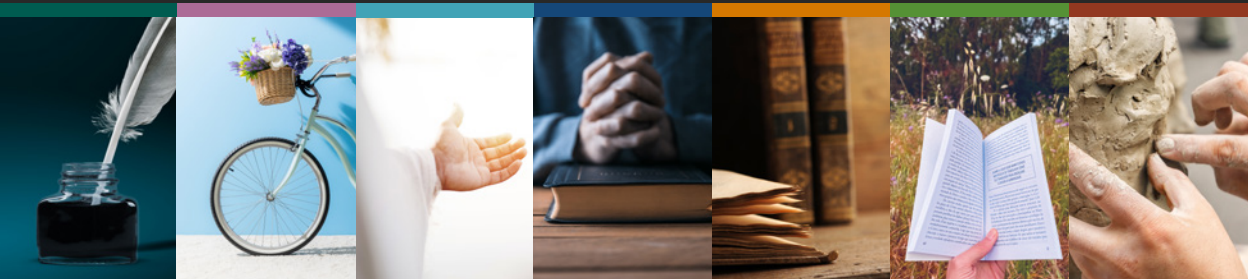
### ESPAÇO JUVENIL

Os heróis da fé em Hebreus

*Conhece alguns heróis de verdade!*

## 45

### NOTÍCIAS NACIONAIS





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

# Hebreus e a *missão*

O livro de Hebreus enfatiza a importância da perseverança na fé, a superioridade de Jesus Cristo, a importância da comunidade cristã e a obediência a Deus. O livro também fornece uma visão profunda da missão da Igreja e oferece muitas lições valiosas que os Cristãos podem seguir para promovê-la e ajudá-la a crescer na compreensão da fé cristã. O livro de Hebreus foca a superioridade de Jesus Cristo e o Seu papel como Sumo-Sacerdote e fornece intuições sobre a visão da missão da Igreja que os Cristãos devem seguir. Em Hebreus, a missão da Igreja é vista como um chamado para perseverar na fé e seguir o exemplo de Jesus Cristo, que é apresentado como um Sacerdote perfeito e um Modelo de obediência e fé. O autor do livro exorta os Leitores a permanecerem firmes na fé, mesmo diante das dificuldades e perseguições. Ellen G. White diz que “as maiores vitórias para a Causa não são obtidas por meio de argumentos, amplas instalações, abundância de influência e de recursos, mas são aquelas vitórias obtidas no lugar reservado com Deus, quando a fé zelosa e angustiada lança mão do poderoso braço do poder”.<sup>1</sup>

Ao mesmo tempo motiva-nos para a comunidade cristã: “E conside-

remo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras.”<sup>2</sup>

“Aquilo de que a Igreja necessita nestes dias de perigo é de um exército de obreiros que, como Paulo, se tenham preparado para serem úteis, que tenham uma profunda experiência nas coisas de Deus, e que estejam cheios de fervor e zelo. São precisos homens santificados e abnegados; homens que não se esquivem às dificuldades nem às responsabilidades; homens que sejam corajosos e verdadeiros; homens em cujo coração Cristo Se constituiu ‘a esperança da glória’ (Col. 1:27), e que com lábios tocados com santo fogo, ‘preguem a Palavra’ (II Tim. 4:2).”<sup>3</sup>

Quer ser esta pessoa? Quer permitir que o Senhor o use? O texto bíblico lança o desafio a cada um de nós, numa menção à perseverança na fé: “Lance-mos fora todo peso e o pecado que tenazmente nos assedia e corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus.”<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuf, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), vol. 4, p. 443.

<sup>2</sup> Hebreus 10:24 e 25.

<sup>3</sup> Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Sabugo: Publicadora SerVir, 2008), p. 359.

<sup>4</sup> Hebreus 12:1 e 2.

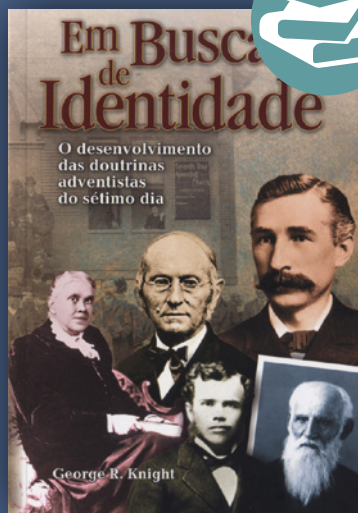
## Em Busca de Identidade

George R. Knight

Ao contrário da maioria das Denominações cristãs, a Igreja Adventista do Sétimo Dia não possui um Credo doutrinário estabelecido de modo imutável. As 28 Crenças Fundamentais da nossa Igreja fornecem fortes linhas teológicas orientadoras, mas não são “dogmas de fé” no sentido clássico que esse conceito histórico-teológico assume na maioria das Dogmáticas tradicionais. Isto não significa que a Igreja Adventista do Sétimo Dia não possua profundas convicções doutrinárias como seu fundamento teológico.

Na verdade, pode fazer-se uma história do surgimento e do desenvolvimento das crenças Adventistas ao longo da existência da Igreja. É precisamente essa história que é oferecida pelo livro do Professor George R. Knight.

Knight começa a sua obra sobre o “desenvolvimento das doutrinas Adventistas do Sétimo Dia” com uma reflexão importante sobre “a Natureza Dinâmica da ‘Verdade Presente’”, onde mostra as razões essenciais que fazem com que a nossa Igreja não possua um Credo Dogmático, mas sim Crenças Fundamentais. Depois deste prólogo, o autor passa a expor o pano de fundo histórico-teológico Protestante e Millerita onde nasceu o Adventismo do Sétimo Dia. Uma vez feita esta contextualização histórica, Knight esboça “o que é Adventista no Adventismo”, apresentando o desenvolvimento doutrinário da nossa Igreja entre 1844 e 1885. Em seguida, passa a descrever o período de 1886 a 1919, onde o Adventismo se voltou a centrar nas doutrinas essenciais do Cristianismo. Neste período,



a nossa Igreja redescobriu “o que é Cristão no Adventismo”. Entre 1919 e 1950, a Igreja Adventista do Sétimo Dia teve de se confrontar com o desafio do Liberalismo Teológico e com a resposta do Fundamentalismo. Foi a época em que se determinou “o que é Fundamentalista no Adventismo”. Entretanto, desde 1950 que o Adventismo vive “em tensão teológica”, debatendo-se com questões como “a busca do Adventismo histórico”, “a busca do papel e da autoridade de Ellen G. White” e “a busca de uma Teoria da Inspiração”. Knight termina o seu livro com uma reflexão profunda sobre o significado do desenvolvimento teológico Adventista e sobre o que nos poderá trazer o futuro.

Esta obra de George R. Knight é essencial para se obter uma compreensão dos fundamentos teológicos da nossa fé. É um livro muito acessível, escrito para ser compreendido por qualquer membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia ou, mesmo, por qualquer pessoa – Adventista ou não – interessada nas Crenças Fundamentais da nossa Igreja. Não posso deixar de lhe recomendar esta obra, caro Leitor. Ela certamente fortalecerá a sua fé Adventista e o seu conhecimento sobre as suas Crenças Fundamentais.


# Sobre a autoria de Hebreus: Argumento em favor de Paulo



Félix H. Cortez

*Teólogo*

*Retirado da revista  
Ministry de setembro  
de 2022.*



*O Novo Testamento coloca Hebreus entre as Cartas de Paulo, mas o próprio livro de Hebreus não identifica o autor; a maior parte dos acadêmicos pensa que esse autor foi alguém próximo de Paulo, mas não o próprio Paulo.*

A autoria do livro de Hebreus pode ser uma questão sensível.<sup>1</sup> O Novo Testamento coloca Hebreus entre as Cartas de Paulo, mas o próprio livro de Hebreus não identifica o autor; a maior parte dos acadêmicos pensa que esse autor foi alguém próximo de Paulo, mas não o próprio Paulo.

Existem três posições acadêmicas sobre a autoria de Hebreus. Uma é que Paulo não poderia ser o seu autor. A segunda afirma que não conhecemos o autor. A terceira, semelhante à segunda, diz que, embora não saibamos quem escreveu Hebreus, ainda assim Paulo é, muito provavelmente, o seu autor. Este artigo fornece provas bíblicas e históricas para a segunda e a terceira hipóteses.

### Argumento contra Paulo

A maioria dos acadêmicos crê que o livro de Hebreus já tinha circulado muito tempo, independentemente, antes de ter sido aceite no cânone do Novo Testamento, e foi aceite “apenas graças à ficção” de que Paulo o tinha escrito.<sup>2</sup> Há várias razões para esta posição. Primeira, por que razão Paulo não reclamou a autoria de Hebreus, como fez em todas as Cartas que escreveu? O caráter anónimo do documento não parece ser acidental. A primeira frase de Hebreus (1:1-4), onde Paulo normalmente se identificaria, é tão bela e equilibrada quanto à sua construção na língua grega que certamente o autor empregou tempo e esforço consideráveis para a escrever. Certamente Paulo, se o quisesse, poderia ter indicado o seu nome como autor.

Segunda, desde cedo existiram dúvidas sobre a autoria de Hebreus. Na primeira metade do segundo século, Marcião rejeitou o livro de Hebreus. Há informação de que Irineu, mais tarde nesse século, rejeitou a autoria paulina. O *Fragmento Muratoriano*, uma lista dos livros do Novo Testamento provavelmente escrita no fim do segundo século, não incluiu Hebreus. Por volta do começo do terceiro século, Tertuliano atribuiu Hebreus a Barnabé. Também no mesmo século, Gaio de Roma, Hipólito e os Arianos rejeitaram a autoria paulina de Hebreus. A percepção na Antiguidade era de que as igrejas do Oriente aparentemente aceitavam a autoria paulina de Hebreus, uma posição rejeitada pelas igrejas no Ocidente.<sup>3</sup>

Terceira, os acadêmicos da Igreja reconheceram muito cedo uma diferença de estilo entre Hebreus e as Cartas de Paulo. Clemente de Alexandria, por volta do início do terceiro século, sugeriu que Paulo tinha escrito Hebreus originalmente em hebreu e que Lucas o tinha traduzido para grego. Orígenes sugeriu que Paulo, provavelmente, era o autor das ideias, mas outra pessoa tinha tirado notas e publicado essas notas. Só Deus, concluiu ele, o saberia com certeza.

Quarta, muito importante, alguns argumentam que Paulo não poderia ser o autor porque o autor incluiu-se entre aqueles a quem o Evangelho tinha sido confirmado, tendo-o ouvido dos que ouviram Jesus em pessoa (Hebreus 2:3). No entanto, Paulo argumentou em Gálatas que ele não tinha recebido o Evangelho de nin-

guém, mas sim diretamente de Deus (Gálatas 1:11 e 12).

Finalmente, existem importantes diferenças teológicas entre as Cartas de Paulo e o livro de Hebreus. Um exemplo é que nenhuma Carta de Paulo se refere a Jesus como sendo Sumo-Sacerdote, uma ideia central no argumento de Hebreus.

Por estas razões básicas, a maior parte dos académicos rejeita hoje a ideia de que Paulo escreveu Hebreus.<sup>4</sup>

### **Argumento a favor de Paulo**

Estes argumentos, por mais convincentes que pareçam superficialmente, não são realmente muito fortes.

Primeiro, Hebreus não identifica o autor, como fazem as outras Cartas de Paulo, porque, muito provavelmente, o livro *não é uma Carta*. Hebreus caracteriza-se como sendo “uma palavra de exortação” (Hebreus 13:22), uma expressão que – tanto na sinagoga, como na igreja – designava um sermão.<sup>5</sup> Portanto, Hebreus é, provavelmente, uma homilia destinada a uma congregação específica, a que foi acrescentado um posfácio e que, depois, foi enviada como Carta. Hebreus é anónima para nós, mas não para a audiência original. O autor pede que

***Hebreus não identifica o autor, como fazem as outras Cartas de Paulo, porque, muito provavelmente, o livro não é uma Carta.***

eles orem por ele, para que possa ser-lhes restituído mais brevemente (vv. 18 e 19), o que indica que eles sabiam quem lhes estava a escrever.

Além do mais, embora rejeite a autoria de Paulo por outras razões, Harold Attridge identificou 33 paralelos existentes entre o posfácio de Hebreus 13:20-25 e as Cartas de Paulo. Alguns deles muito impressionantes.<sup>6</sup> Por exemplo, a expressão “Deus de paz” (v. 20) encontra-se em Romanos 15:33; 16:20; II Coríntios 13:11; Filipenses 4:9; e I Tessalonicenses 5:23, mas não aparece em qualquer outro posfácio epistolar do Novo Testamento. A expressão “dos mortos” (*ek nekron*, Hebreus 13:20) aparece 17 vezes nas Cartas de Paulo, mas apenas duas vezes noutras Epístolas do Novo Testamento. Finalmente, o autor refere-se a um Timóteo, que seria conhecido tanto pelo autor, como pela audiência (v. 23). O único Timóteo conhecido nas antigas fontes cristãs era o companheiro de ministério de Paulo. Assim, a menos que este documento fosse uma falsificação, a audiência original não deveria ter qualquer problema em identificar o autor.

Segundo, embora algumas dúvidas sobre a autoria de Hebreus tenham surgido cedo, as provas da recepção autorizada de Hebreus e da sua identificação com Paulo também são muito precoces. Começando com os manuscritos mais antigos, Hebreus aparece sempre como parte da coleção paulina. De facto, entre os seus manuscritos mais antigos, apenas Romanos está mais bem atestado do que Hebreus. Do mesmo modo, Hebreus trazia um título nos manuscritos mais





**Começando com os manuscritos mais antigos, Hebreus aparece sempre como parte da coleção paulina.**

antigos sobreviventes (“Aos Hebreus”) que é semelhante ao título nas Cartas de Paulo e diferente do título nas Epístolas Universais.

Hebreus foi aceite muito cedo como tendo autoridade. A Primeira Epístola de Clemente, a obra sobrevivente mais antiga entre a primitiva literatura cristã, composta por volta de 96 d.C., alude a Hebreus (I Clemente 36:1-5) e a outros escritos de Paulo (*e.g.*, I Clemente 35:5 e 6), tendo-os em grande consideração, ainda que, com uma exceção, não identifique qualquer autor nessas referências.<sup>7</sup> O *Pastor de Hermas*, escrito em Roma no segundo século, era tido como tentando responder a questões suscitadas por Hebreus 6:4-8 e 10:26-31. A posição que defende ter existido uma total rejeição de Hebreus no Ocidente é, realmente, exagerada. Por volta do fim do quarto século, Ambrósio, Pelágio e Rufino, todos no Ocidente, tinham atribuído Hebreus a Paulo; 10 outros escritores cristãos no Ocidente citam

ou aludem a Hebreus como documento dotado de autoridade, mesmo sem mencionarem a sua autoria.<sup>8</sup>

Um escrutínio mais atento mostra que a rejeição da autoria paulina de Hebreus é menos significativa do que é frequentemente representado. Marcião, que rejeitou Hebreus, também rejeitou o Deus do Antigo Testamento e ainda todo o Antigo Testamento. Ele provavelmente rejeitou Hebreus por causa do seu abundante uso do Antigo Testamento. Ele também rejeitou a maior parte do Novo Testamento. A ideia de que Irineu e Hipólito rejeitaram a autoria paulina de Hebreus procede de um comentário que Gobarus emitiu mais de 300 anos depois (por volta de 600 d.C.), segundo o relato feito por Photius em 800 d.C.! O *Fragmento Muratoriano* não incluiu Hebreus entre as Cartas de Paulo, mas não rejeitou Hebreus como rejeitou a Epístola aos Laodiceanos e a Epístola aos Alexandrinos, que foram forjadas em nome de Paulo. Tertuliano disse que Barnabé foi

## ***Oito das Cartas de Paulo mencionam um coautor junto de Paulo. Estes coautores devem ter, pelo menos, influenciado o conteúdo e o estilo de cada Carta.***

o escritor de Hebreus, mas pensava que Barnabé estava a comunicar as ideias de Paulo. Gaio de Roma rejeitou a autoria paulina de Hebreus, mas também pensava que o Evangelho de João e o livro de Apocalipse tinham sido escritos por Cerinto, o herético gnóstico. Os Arianos, entretanto, provavelmente rejeitaram a autoria paulina de Hebreus por causa da sua elevada Cristologia.

Terceiro, questões de estilo e de vocabulário não são fiáveis para se determinar se Paulo escreveu ou não Hebreus. Não temos um estilo claro para

comparar com Hebreus. Oito das Cartas de Paulo mencionam um coautor junto de Paulo.<sup>9</sup> Estes coautores devem ter, pelo menos, influenciado o conteúdo e o estilo de cada Carta. Paulo também usava secretários (*e.g.*, Romanos 16:22), que provavelmente impactaram o estilo das suas Cartas. E. Randolph Richards mostrou que os secretários funcionavam frequentemente como editores – em casos raros, funcionavam até como coautores.<sup>10</sup> Finalmente, o ideal retórico no mundo helenístico era *prosôpopoiia*, isto é, “escrever em caráter”. Por outras palavras, esperava-se dos escritores que escrevessem em estilos diferentes segundo aquilo que a situação requeresse.<sup>11</sup> Assim, seria de esperar que nem todas as Cartas de Paulo tivessem o mesmo estilo.

Quarto, o facto de que o autor se inclui entre aqueles que tiveram o Evangelho confirmado por aqueles que ouviram Jesus (Hebreus 2:3)



não desqualifica Paulo. O argumento da passagem não é que o autor ou a audiência “receberam” (*parelabon*) ou “foram ensinados” (*edidachthên*) sobre o Evangelho pelos apóstolos, mas que o Evangelho lhes foi “confirmado” (*ebebaiôthê*) pelos apóstolos – aqueles que ouviram Jesus (Hebreus 2:3). Paulo reconheceu que recebeu o Evangelho de Deus mediante uma revelação (Gálatas 1:11 e 12), e, 14 anos depois, procurou confirmação dos apóstolos sobre o Evangelho que pregava (Gálatas 2:1 e 2).

Quinto, apesar das diferenças na ênfase teológica existentes entre Hebreus e as outras Cartas de Paulo, não há contradição. De facto, seria de esperar uma diferença na ênfase teológica. As Cartas de Paulo foram escritas para abordar preocupações específicas. Além disso, existem semelhanças únicas entre Hebreus e os outros escritos de Paulo. Por exemplo, Hebreus 10:16 cita Jeremias 31:31-33, mas abrevia a formulação “com a casa de Israel e com a causa de Judá”, escrevendo “com eles”. Romanos 11:27 tem a mesma fórmula abreviada. A citação de Habacuque 2:4 em Hebreus 10:37 e 38 difere da fraseologia tanto do texto hebreu, como do texto grego (*LXX*), mas é semelhante à citação que Paulo faz de Habacuque 2:4 em Romanos 1:17. Paulo joga com o duplo sentido da palavra grega *diathêkê* (“testamento” e “aliança”) em Gálatas 3:15-18 da mesma forma que o faz Hebreus 9:15-18.

Finalmente, a ideia de que Hebreus circulou independentemente durante muito tempo antes de ser aceite no cânone do Novo Testamento e de

## Apesar das diferenças na ênfase teológica existentes entre Hebreus e as outras Cartas de Paulo, não há contradição. De facto, seria de esperar uma diferença na ênfase teológica.

que foi aceite apenas “graças à ficção” de que Paulo a tinha escrito é improvável por várias razões.

Primeira, não há evidência nos manuscritos de que Hebreus alguma vez circulou só. Segunda, considerando que o livro de Hebreus não pretende ter sido escrito por Paulo e que é diferente no estilo e na ênfase teológica dos seus outros escritos, com que base teria o livro de Hebreus sido incluído na coleção dos escritos de Paulo? O próprio Paulo alertou os seus leitores para não receberem Cartas que “pareciam” ter sido escritas por ele, mas que não o tinham sido (II Tessalonicenses 2:1-3). É por isso que ele assinava as suas Cartas. Hebreus e outras 13 Cartas de Paulo tinham posfácios, que funcionavam como assinaturas (II Tessalonicenses 3:17 e 18).<sup>12</sup> Outro obstáculo para que se incluísse Hebreus entre as Epístolas Paulinas é o facto de Hebreus ter sido escrito para Cristãos Judeus. No entanto, Paulo era o apóstolo dos Gentios (Gálatas 2:6-9; Efésios 3:1-10).



Se desde muito cedo se cresse que a Epístola não tinha sido escrita por Paulo, por que razão não foi Hebreus incluído entre as Epístolas Católicas ou Gerais, que foram escritas por apóstolos enviados para evangelizar os Judeus (Gálatas 2:6-9)? Terceira, a prática entre os antigos escritores era de guardarem cópias das Cartas que enviavam a outras pessoas.<sup>13</sup> Isto explicaria por que razão Hebreus faz parte da coleção das

Cartas de Paulo, que ele guardou para si, apesar do seu caráter anónimo e de outras diferenças em relação ao resto das suas Cartas.

## Conclusão

Em resumo, as provas bíblicas e históricas apoiam a ideia de que Paulo poderia ter escrito Hebreus. Assim, a posição de que *realmente* escreveu este livro está baseada em fundamentos muito sólidos.

**1** Uma versão deste artigo foi inicialmente publicada no dia 9 de fevereiro de 2022 em [spectrummagazine.org](https://spectrummagazine.org).

**2** O sumário de Charles P. Anderson em “The Epistle to the Hebrews and the Pauline Letter Collection”, *Harvard Theological Review* 59 (1966): 429 é ainda a perspetiva corrente.

**3** Por exemplo, Eusébio, *Historia Ecclesiastica* 3.3 (*The Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2<sup>nd</sup> ed., 1:134 e 135); 6.20 (268); Agostinho, *De peccatorum meritis et remissione* 1.50 (*The Nicene and Post-Nicene Fathers*, 1<sup>st</sup> ed. 5:34); Jerónimo, *Epistulae* 129.3.

**4** Clare K. Rothchild, *Hebrews as Pseudepigraphon: The History and Significance of the Pauline Attribution of Hebrews*, *Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament* 235 (Tübingen: Mohr Siebeck, 2009): 6.

**5** Atos 13:15; I Timóteo 4:13. Ver também I Macabeus 10:24, 46 e II Macabeus 15:8-11.

**6** Harold W. Attridge, *Hebrews, Hermeneia: A Critical and Historical Commentary on the Bible* (Philadelphia, PA: Fortress, 1981), 404 e 405.

**7** Clemente alude a Romanos, Gálatas, Filipenses e Efésios, mas é apenas quando se refere a Corinto, no fim da sua Carta, que ele se refere a Paulo como o autor (I Clemente 47). Veja Bruce M. Metzger, *The Canon of the New Testament: Its Origin, Development, and Significance* (Oxford: Clarendon, 1987), 40-43.

**8** Primeira Epístola de Clemente, provavelmente *O Pastor de Hermas*, Policarpo, Justino Mártir, Epifânio, Hilário de Poitiers, Vitorino, Lúclifer de Cagliari, Faustino e Gregório de Elvira. Veja Rothschild, *Hebrews as a Pseudepigraphon*, 31; Attridge, *Hebrews*, 2. Para uma sondagem abrangente de testemunhas sobre a autoria de Paulo de Hebreus nos *Pais da Igreja*, veja Otto Michel, *Der Brief an die Hebraer*, *Kritisch-Exegetischer Kommentar über das Neue Testament* (Meyer-Kommentar) 13 (Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1966), 38 e 39.

**9** I Coríntios, II Coríntios, Gálatas, Filipenses, Colossenses, I Tessalonicenses, II Tessalonicenses e Filémon. Veja E. Randolph Richards, *Paul and First-Century Letter Writing: Secretaries, Compositions and Collection* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004), 141-155.

**10** Richards, 33-36.

**11** Veja Luke Timothy Johnson, *The First and Second Letters to Timothy: A New Translation with Introduction and Commentary*, *Anchor Bible* 35A (New Haven, CT: Yale University Press, 2001), 60.

**12** Para uma introdução aos diferentes modos em que eram assinadas as Cartas greco-romanas, veja-se Richards, *First-Century Letter Writing*, 171-175.

**13** Richards, 156-165; Rothschild, *Hebrews as Pseudepigraphon*, 148 e 149. Por exemplo, a coleção de Cartas de Cícero publicada após a sua morte foi produzida a partir das cópias de Cícero guardadas por Tiro, o secretário de Cícero; veja-se Cícero, *Epistulae ad Atticum* 13.6.3.

# Sonhe em grande!

Sonhar e pedir são atos de fé.



**Vanesa Pizzuto**  
*Jornalista e Pedagoga*

Há já vários meses, fui ao centro de Londres para tratar de alguns trâmites. Como o dia estava bonito, peguei na minha bicicleta e pedalei até à estação de comboios. À chegada, prendi-a com todo o cuidado no estacionamento para bicicletas da Estação de Watford, que é muito moderno e tem até câmaras de segurança. Mas, quando voltei, sabe o que aconteceu, não é? A minha bicicleta tinha desaparecido. Para completar o problema, tinha acabado de perder o meu emprego no meio da crise da pandemia de coronavírus e não podia comprar uma nova.

Cheguei a casa exausta e então o telefone tocou. Era Douglas, o meu “avô adotivo”. Assim que lhe contei do desaparecimento da bicicleta, ele disse: “Vou comprar-te uma nova.” Agradei a oferta generosa, mas, no meu coração, decidi não a aceitar. Não queria fazê-lo “desperdiçar” o seu dinheiro comigo. Assim, durante vários meses adiei a compra da bicicleta com todo o tipo de desculpas, até que Douglas me disse: “Amanhã vamos comprar a tua bicicleta.”

Na noite anterior, entrei no *site* da loja e vi uma linda bicicleta de estilo antigo com selim de couro e uma cestinha à frente. Foi amor à primeira vista, pelo menos até ver o preço! Resolvi ir até à loja e não dizer nada, achando que seria mais “humilde” deixar Douglas escolher a que lhe parecesse melhor. Quando entrámos na loja, ele sugeriu que tirássemos alguns minutos para ver todos os modelos. De repente, Douglas apontou para uma bicicleta e disse-me: “Aquela! Gostas dela?” O meu coração disparou. Era exatamente a que eu que-

ria. Douglas comprou-a imediatamente, sem se importar com o preço.

### Deus e Douglas

Devo admitir que muitas vezes trato Deus da mesma maneira. Ajo como se contentar-se com menos e ter sonhos mais práticos fosse uma grande conquista espiritual, o ápice da humildade. No entanto, a julgar pela minha experiência, não ousar sonhar não é um ato de humildade, mas de covardia emocional. O escritor americano John Eldredge escreve: “Viver com desejo é escolher a vulnerabilidade em vez da autoproteção. Admitir o que queremos e procurar ajuda é ainda mais vulnerável. É um ato de confiança. Por outras palavras, aqueles que conhecem o seu desejo e se recusam a deixá-lo morrer, ou a agir como se não precisassem de ajuda, são os que vivem pela fé. *Aqueles que não pedem não confiam em Deus o suficiente para querer qualquer coisa.*”<sup>1</sup> Sonhar e pedir são atos de fé!

O que teria acontecido, se Douglas tivesse escolhido uma bicicleta diferente? Às vezes, cobrimos a nossa covardia emocional com uma fina camada de espiritualidade: “Bem, talvez fosse a vontade de Deus!” E se não

*Honramos Deus quando sonhamos, quando pedimos, quando nos aproximamos d’Ele verdadeiramente vivos, não entorpecidos pelo cinismo ou anestesiados contra toda a esperança.*





Quando nos anestesiados para não sentirmos dor, também entorpecemos a nossa capacidade de sentir alegria. Estarmos verdadeiramente vivos significa ousar sonhar sonhos nos quais há algum risco e alguma aventura.

fosse? E se Deus quiser dar-lhe exatamente o que você sonhou, mas você preferiu enterrar o talento a arriscar investi-lo e perdê-lo? (Mateus 25:25.)

Ao longo deste processo, Anne, a minha melhor amiga, sempre me disse: “Pede a bicicleta que realmente queres! Permite que Deus te abençoe através de quem Ele acredita ser melhor. Não economizes em sonhos.” Tenho muito a aprender com ela. Embora Anne nem sempre consiga o que pede, ela não tem medo de pedir. Honramos Deus quando sonhamos, quando pedimos, quando nos aproximamos d’Ele verdadeiramente vivos, não entorpecidos pelo cinismo ou anestesiados contra toda a esperança.

Enganamo-nos a nós mesmos quando pensamos que sonhar apenas sonhos práticos nos salvará do sofrimento. A verdade é que não podemos dessensibilizar seletivamente o nosso coração. Quando nos anestesiados para não sentirmos dor, também entorpecemos a nossa capacidade de sentir

alegria.<sup>2</sup> Estarmos verdadeiramente vivos significa ousar sonhar sonhos nos quais há algum risco e alguma aventura.

### Conformar-se?

Mas, não devemos estar contentes, sem importar as circunstâncias? Eu acredito nisto: Se Deus lhe pede para colocar o seu sonho no altar e sacrificá-lo, deve fazer exatamente isso. Mas, se não for o caso, continue a sonhar e a acreditar. *Funerais não devem ser organizados para sonhos que Deus nunca nos pediu para sepultarmos.* Muitas vezes desistimos dos nossos sonhos cedo demais, porque a esperança dói.

Então, como podemos apegar-nos aos nossos sonhos quando a espera parece não ter fim e Deus parece não nos ouvir? Bem, seria lembrando-nos de que Jesus partilha a nossa dor e, ao fazê-lo, redime-a e santifica-a. A história da ressurreição de Lázaro mostra-nos isso. Jesus atrasou-Se propositalmente, porque tinha um plano melhor. No entanto, Ele reconheceu

## Vá em frente, ouse sonhar! Deus chama-o para viver uma aventura de fé com Ele.

que o Seu atraso tinha causado muita dor. Na verdade, acho que Jesus estava a imaginar todos nós nesse dado momento. Os Seus olhos proféticos viram os anos acumulados de esperança e desesperança de toda a Humanidade. Ele viu-nos a perguntar se Deus Se tinha esquecido completamente de nós. E, em vez de entorpecer o Seu coração e fugir da dor, em vez de dizer “Parem de fazer tanto barulho; estou prestes a ressuscitar este homem!”, Jesus escolheu a coragem de sentir e de chorar. Somente depois de reconhecer e honrar a nossa dor é que Jesus ressuscitou Lázaro de entre os mortos.

Esta é a fonte da nossa esperança: Servimos um Deus que chora conosco. Emmanuel rega as sementes de nossa coragem com as Suas próprias lágrimas. Já não sonhamos com a ilusão de que nada vai dar errado. A fé não é uma apólice de seguro contra todos os riscos. Sonhamos porque sabemos que, mesmo que não consigamos o que queríamos, a nossa dor nunca será em vão.

### Conheça os seus sonhos

O que quer? Antes de curar o cego Bartimeu, Jesus fez-lhe uma pergunta aparentemente desnecessária: “Que queres que te faça?” (Marcos 10:51.) Se Jesus lhe perguntasse a mesma coisa hoje, o que responderia? Estou convencida de que uma das coisas mais espirituais que

tenho que fazer é descobrir o que quero e reunir coragem para fazê-lo. Em vez de cobrir a minha falta de autoconhecimento com pretensões de humildade, Jesus quer que eu conheça e assuma a responsabilidade pelas minhas necessidades e pelos meus sonhos. Isso implica que terei que me libertar das expectativas dos outros. Significa que vou ter que desacelerar a minha vida e ficar quieta o suficiente para poder ouvir os pensamentos que Deus inspira. Significa aprender a confiar na minha intuição, da qual fui condicionada a duvidar durante anos. Significa, acima de tudo, correr riscos e cometer erros. Tudo é absolutamente desconfortável e deixa-me vulnerável! Mas isso será essencial para que eu pare de me preocupar tanto com o que os outros pensam, para que eu pare de me autocensurar e para que desenterre os sonhos que me tornam única.

Então, eu pergunto-lhe novamente: O que quer? Não há nada remotamente espiritual em não sonhar, em não perguntar ou em não arriscar. Ser Cristão não é, principalmente, estar seguro ou confortável. Vá em frente, ouse sonhar! Deus chama-o para viver uma aventura de fé com Ele. A jornada envolverá cometer erros e aprender a tolerar a incerteza, mas vale a pena empreender essa jornada. Anime-se e sonhe! Confie em Deus o suficiente para Lhe pedir algo que só Ele pode fazer.

1

John Eldredge (2016): “*Journey of Desire: Searching for the Life You’ve Always Dreamed Of*”, Thomas Nelson (itálico nosso).

2

Brene Brown (2016): “*O Poder de Ser Vulnerável: O Que Você Ousaria Fazer Se o Medo Não O Paralisasse*”, Urano.



# O inovador Jesus

O Jesus real é mais do que a  
mera imagem que d'Ele temos e  
mais do que a soma das nossas  
passagens bíblicas favoritas.



**Eike Mueller**  
*Teólogo*

*Retirado da revista  
Adventist World de  
setembro de 2020.*

Na viragem do século XIX para o século XX, o missionário e teólogo Albert Schweitzer, num livro clássico sobre a vida e o ministério de Jesus, acusou o aparelho religioso do seu tempo de transformar Jesus num “Jesus de sua própria invenção”.<sup>1</sup> Os valores e a Cultura da Europa do século XIX tinham de tal modo influenciado teólogos, Pastores e membros de Igreja que, com consciência ou sem ela, o “Jesus fabricado” ajustava-Se confortavelmente aos bancos das igrejas e das catedrais. Em vez de serem transformados “pela contemplação de Jesus”, os Cristãos tinham transformado “Jesus” num artifício da sua imaginação.

A acusação lançada por Schweitzer é igualmente verdadeira quando aplicada ao aparelho religioso do tempo de Jesus. Os líderes religiosos não reconheceram Jesus como o longamente esperado Messias e, em vez disso, crucificaram-n’O.

Embora a geração da primeira metade do primeiro século estivesse formada na leitura do Antigo Testamento, seguisse a Lei de Moisés como determinadora da sua identidade nacional e se compreendesse como estando na encruzilhada da profecia bíblica, ela falhou em reconhecer Jesus como seu Salvador. Jesus não Se ajustava às suas expectativas. A maior parte dos membros dessa geração não estavam disponíveis para permitir que Jesus reformulasse a sua perspectiva sobre o Messias.

### Inovação teológica

A paisagem do Judaísmo do primeiro século era, de muitas formas, seme-

lhante à de hoje: Uma nação judaica fragmentada e polarizada no meio de um disseminado sentimento de que se estava no tempo do fim. Toda a gente aguardava que Deus designasse um agente humano como o prometido “Ungido”, que, como Ciro, os salvaria.

Os Saduceus e os Herodianos tinham arranjado um compromisso com o sistema político e cultural prevalecente e estavam interessados em manter um delicado equilíbrio de poder.

Os Fariseus aguardavam um Messias político que os salvaria da Roma pagã e que introduziria um Estado-Nação judeu. Os Zelotes procuravam uma solução militar para o problema. Os Essênios, frustrados com a religião corrompida, tinham-se retirado para as colinas isoladas, de modo a operar a sua salvação. Eles observavam meticulosamente todas as regras de pureza e esperavam que o “Mestre de Justiça” viesse confirmar a sua santidade e justiça. Cada um destes grupos citava textos favoritos das Escrituras para provarem a sua perspectiva sobre o Messias e sobre o tempo do fim, mas Jesus rejeitou todas essas perspectivas.

Em vez disso, encorajou os Seus ouvintes a mergulharem em toda a Escritura, e não apenas nas suas passagens favoritas.

A primeira inovação de Jesus foi juntar múltiplos fios condutores do Antigo Testamento no Seu ensino e no Seu ministério. Jesus compreendia-Se (e em linha com as expectativas judaicas) como sendo o cumprimento da aliança abraâmica e como o Descendente da real linha genealógica davídica. Mas também reclamava o

papel do novo Moisés, que salvaria os Judeus e os Gentios mediante o Seu sangue; reclamava a posição antitípica de Eliseu, que cuidou e renovou a fé dos que buscavam Deus; e reclamava o papel de Juiz escatológico apresentado na visão que Daniel teve do Filho do Homem (Daniel 7; Mateus 24).

Não admira que todos os esforços dos compatriotas de Jesus para O classificar tenham falhado miseravelmente. Contra a noção de um Messias nacional, Jesus citou a aliança fundadora de Deus com os Israelitas: Todas as nações serão benditas mediante Abraão (Gênesis 22:18; Mateus 1:1-14). Ao contrário de um mero Messias para os justos, Jesus partilhou a Sua missão de “salvar os pecadores” (veja Mateus 2:17). Contra a pretensão de apoderamento de poder terrestre, Jesus apontou para o Seu trono à direita de Deus. Embora Jesus fundasse o Seu ministério sobre as Escrituras, os Seus compatriotas estavam tão obcecados com a sua perspectiva sobre o Messias que não podiam ver Jesus como Ele realmente era: O Salvador de toda a Humanidade.

### O Templo Vivo

A primeira inovação de Jesus era certamente controversa, mas não merecedora de uma sentença de morte. No entanto, a Sua segunda inovação levou a uma acusação de blasfêmia e a uma sentença de morte: Jesus reclamou para Si um estatuto divino ao afirmar a Sua autoridade sobre o Templo, mesmo substituindo a estrutura física pelo Seu corpo. As figuras “Ungidas” ou messiânicas no Antigo Testamento podiam ser reis, sacerdotes ou dignitários es-

*Embora Jesus fundasse o Seu ministério sobre as Escrituras, os Seus compatriotas estavam tão obcecados com a sua perspectiva sobre o Messias que não podiam ver Jesus como Ele realmente era: O Salvador de toda a Humanidade.*

trangeiros agindo, movidos por Deus, em favor do Seu povo (Isaías 45:1). Mas, em geral, ninguém esperava que o Messias fosse uma figura divina.

No entanto, Jesus pretendeu ser mais do que um Messias humano. Ele é o Messias e o Filho de Deus (Mateus 4:17; 16:16). Para transmitir esta mensagem à Sua audiência, Jesus escolheu comparar-Se e contrastar-Se com o Templo. O sumo-sacerdote, no julgamento de Jesus, reconheceu sem querer a pretensão de Jesus na Sua condenação: Jesus proclamou que o Seu corpo substituiria o Templo (Mateus 26:61). Para os Judeus, isto era um sacrilégio. O Templo não era apenas *um* lugar santo, mas era *o* lugar *mais* santo. Era a habitação pessoal de Deus entre a Humanidade e, portanto, estava estritamente ligado a Deus e ao Seu caráter. Pretender ter autoridade sobre o Templo e ser superior ao Templo era usurpar a autoridade do próprio Deus.

Começando na Criação, Deus formou tempo sagrado – o Sábado – mas também espaço para uma reunião sagrada: O primeiro Templo foi o Jar-

dim do Éden, onde Deus caminhou com Adão e Eva. Depois, no Sinai, Deus instruiu Moisés para construir um santuário segundo um modelo divino, acrescentando sacrifícios rituais para simbolizar a restauração da relação entre a Humanidade e Deus. Salomão transformou esta tenda temporária numa magnificente maravilha arquitetural ocupada pela presença da *shekinah* do próprio Deus.

Mas Jesus desafiou esta habitação permanente e física de várias formas: Primeira, reclamou ter autoridade sobre as instalações do Templo ao purificá-lo (Mateus 21:12 e 13). Segunda, Jesus – pela Sua autoridade (“Eu vos digo”) – emitiu mandamentos (Mateus 5-7) como se fosse o Autor do próprio Decálogo. Terceiro, em desafio aos ritos do Templo (Mateus 2:1-11), Jesus até perdoou pecados sem requerer um sacrifício. Finalmente, Jesus, no recinto do Templo, contrastou o Seu corpo com o edifício físico. “Derrubai este templo, e em três dias o levantarei” (João 2:19).

Jesus antecipou o facto de que a Cruz retiraria todo o sentido ao Templo físico. Deus já não residiria no Templo. Em vez disso, Jesus substituiria totalmente a função do Templo mediante o Seu corpo quebrado e ressuscitado. Em Jesus, Deus foi ao encontro da Humanidade e, através do sangue d’Ele, salvou todos os seres humanos do pecado. Do princípio ao fim, o Evangelho de Mateus afirma que Jesus, como Filho de Deus, tomou justamente o lugar do Templo. Em Jesus, Deus andou conosco. Ele é *Immanuel*, “Deus conosco” (Mateus 1:23). E, através da Cruz,

*Jesus antecipou o facto de que a Cruz retiraria todo o sentido ao Templo físico. Deus já não residiria no Templo. Em vez disso, Jesus substituiria totalmente a função do Templo mediante o Seu corpo quebrado e ressuscitado.*

Deus restaurou a Humanidade. O significado do Templo está agora realizado (Mateus 27:51).

A avaliação de Schweitzer também é um libelo de acusação para os crentes de hoje. É natural criar uma imagem de Jesus e associar valores, traços de caráter e características físicas a esta imagem. Tal como as pessoas que viveram por altura da Primeira Vinda de Jesus, os Cristãos aguardam a Segunda Vinda com uma igual certeza sobre o seu Salvador. Frequentemente, estas ideias são um reflexo da Cultura e do tempo em que vivemos, dos nossos desejos pessoais e das lutas por que passamos. O Jesus real surpreender-nos-á sempre. Ele é mais do que a mera imagem que d’Ele temos e mais do que a soma das nossas passagens bíblicas favoritas. É claro que é! De outra forma Ele não poderia ser “Deus conosco”.

#### NOTA

Albert Schweitzer, *The Quest of the Historical Jesus: A Critical Study of Its Progress from Reimarus to Wrede*, trad. W. Montgomery, 2<sup>nd</sup> ed. (London: Adam and Charles Black, 1911), p. 397.



—  
Dick Duerksen  
*Pastor*

# O livro de Savka

*Todos sabiam que eles a tinham. Todos tinham ouvido Savka falar da alegria resultante de se tocar nas palavras impressas e ouvir o Criador falar “no meu próprio quarto de dormir”.*

“O Senhor é o meu pastor.” Savka Vaselenko leu as palavras cuidadosamente, ouvindo o barulho crocante das consoantes e os sons moles das vogais.

“Tenho tudo de que necessito.” Savka pronunciou em voz alta as palavras, frases sussurradas que criaram uma nuvem de vapor no ar frio do quarto.

“Mãe”, sussurrou o lavrador para a mulher ao seu lado, “Deus é o nosso pastor”.

Mãe sorriu. A sua função era estar de vigia para evitar que os vizinhos, a Polícia, o Padre ou qualquer outra pessoa viessem sorrateiramente até à casa da fazenda, com a esperança de os apanhar a ler a Bíblia.

Todos sabiam que eles a tinham. Todos tinham ouvido Savka falar da alegria resultante de se tocar nas palavras impressas e ouvir o Criador falar “no meu próprio quarto de dormir”.

A Polícia tinha realizado buscas no quarto de dormir, na cozinha, no celeiro e em todos os lugares em que pensavam que a Bíblia pudesse estar. Eles tinham procurado individualmente e em grupos, mas ninguém tinha encontrado algo, exceto casacos, batatas, colchões de palha, pilhas de cobertores rústicos, alguns velhos livros escolares e um fogão a lenha.

Nunca a Bíblia.

A Bíblia era grande, cheia com as palavras de Deus escritas em ucraniano, claro. A língua de consoantes grossas e de vogais moles falada pelos lavradores e pelos pastores da Ucrânia. Como aqueles que viviam na aldeia.

Savka não dizia nem à sua esposa, Fadora, onde tinha arranjado a Bíblia; ele apenas a segurava junto ao peito e




sorria o sorriso contente de alguém que descobriu os sons amorosos de Deus.

Na tarde em que nasceu o seu primeiro bebé, Savka estava no campo, lavrando os torrões de terra longe dos gritos do recém-nascido. Fadora tinha implorado às mulheres que tinham ajudado no parto que levassem o bebé à igreja para que o Padre pudesse dar-lhe “o nome que Deus quer que ele tenha antes de o seu pai chegar a casa”.

Elas obedeceram, e um pequeno grupo de mulheres juntou-se a Fadora na igreja onde o Padre (um homem mais poderoso do que o Presidente da Câmara) deu o nome de *Ulas* ao filho deles: “Filho do herege.”

Ulas. Até o mero som fazia Fadora zangar-se. Por que razão queria Deus que o seu filho recebesse tal nome? Com esse nome, ele nunca poderia frequentar a escola, entrar na igreja ou empregar-se num bom emprego. O seu filho, o filho de Savka, o herege, que



**Savka não dizia nem à sua esposa, Fadora, onde tinha arranjado a Bíblia; ele apenas a segurava junto ao peito e sorria o sorriso contente de alguém que descobriu os sons amorosos de Deus.**

cria que Deus fala diretamente com qualquer pessoa que lê a Sua Palavra, estava a ser amaldiçoado! Como poderia isso ser a vontade de Deus?

Uma vez, quando o Padre decidiu juntar um bando de homens irados e destruir Savka, o herege, Fadora escondeu Ulas no quarto de dormir. Ela ouviu os homens aproximarem-se da fazenda. Ela ouviu os seus gritos frenéticos quando encontraram Savka no pomar. Depois, ouviu o som de açoitantes, varas e instrumentos agrícolas a esmagar a carne do seu marido.

Ela gritou-lhes e eles detiveram-se, surpreendidos por a verem ali e ainda mais surpreendidos porque ela lhes ordenava que parassem. Ela fez-lhes frente, soltando vapor pela boca como se fosse um comboio a vapor, até que os homens partiram, um bando de lobos que tinha abatido uma vítima, mas que se afastou antes de poder comer a sua parte.

“Como é que Deus pode ordenar ao Padre que junte um bando de homens para que espanque o meu marido quase até à morte? O meu Savka nunca poderia fazer parte de uma tal ralé! Ele é o homem mais doce, mais bondoso e mais generoso de toda a aldeia.”

Naquele dia, Fadora decidiu tornar-se numa herege como Savka. Durante muitos dias, ela cuidou do seu marido até que ele recuperasse as forças. Água quente, água fria, sopa quente, cânticos suaves. Bons remédios.

Agora Fadora estava encarregada de esconder a Bíblia. Eles tinham pensado no monte de estrume de vaca, mas decidiram que a Palavra de Deus não ficaria confortável ali. Juntos, tinham finalmente decidido esconder a Bíblia em três lugares bem protegidos. Um deles seria no fundo do saco de lona da farinha ao lado do fogão. Outro deles seria o rude *cashbuk* de Savka, o pesado casacão que ele usava quando ia trabalhar no exterior. O casaco era grande e, quando estava pendurado ao lado da porta, havia espaço para colocar a Bíblia na sua manga esquerda.

O terceiro lugar era o favorito de Fadora. Ela tinha descoberto um pequeno saco de pano, com a cor do pão, que se ajustava perfeitamente ao Livro. Se alguém estivesse nas viziñhanças, ela podia enfiar a Bíblia no saco e juntá-lo à massa que estava a preparar para o pão desse dia. Depois, ela cantava as suas canções populares sobre o pão e amassava as Escrituras juntamente com a massa do pão.

Eles liam a Bíblia apenas durante o dia, quando podiam ver se alguém se aproximava da casa. Liam-na diaria-

mente, linha a linha, página a página, deixando linhas sublinhadas a vermelho sob as frases que os tocavam.

Um vizinho chegou um dia, perguntando por que razão o Livro era tão importante, interrogando-se se poderia também ele ouvir as suas palavras. Depois outros se juntaram, até que um pequeno rebanho de hereges se reunia regularmente na cozinha, cada um deles com o desejo de conhecer a bondade, a gentileza e a esperança que Savka e Fadora tinham encontrado no Livro.

Finalmente, eles ensinaram o pequeno Ulas a ler com eles. Filho do Herege. Filho de Deus.

Quando Ulas tinha oito anos, a família imigrou da Ucrânia para o Dakota do Norte, nos Estados Unidos da América, onde a terra cinzenta vazia era semelhante à que eles tinham conhecido até ali. Construíram uma casa simples de terra e de pedra e encheram-na de amor. Na primavera, plantaram um campo de trigo, outro de feno e encheram uma horta com batatas, beterrabas, cenouras e cebolas.

Na loja da povoação, Savka falou sobre a sua Bíblia entesourada e referiu algumas das descobertas que tinha feito quando a lia.

“Sabia que o sétimo dia é o Sábado, o dia de descanso? Que quando uma pessoa morre e é sepultada, ela fica ali até à grande ressurreição? Que se é batizado mergulhando-se totalmente na água, e não apenas por uma aspersão de um pouco de água na cabeça? E, melhor que tudo, sabia que Jesus vai voltar para levar os seus filhos para o lar?”

Savka falava com poder e paixão, tal como sempre tinha vivido. O lojista escutava e fazia perguntas, tal como vários outros homens na loja. Quando Savka estava a pegar nas suas compras para as colocar na sua carroça, um jovem aproximou-se dele e perguntou-lhe onde é que ele tinha aprendido que o sétimo dia era o Sábado, o dia de descanso.

“Ora, está claramente escrito na Palavra de Deus”, respondeu ele. “No livro de Êxodo, onde Moisés escreveu a Lei de Deus recebida no topo da montanha.”

“Sabia que há outras pessoas que creem o mesmo que o senhor?”, perguntou o jovem.

“Não!”, respondeu Savka. “Quem são elas? Onde posso encontrá-las?”

“Ah, isso é muito fácil de fazer”, respondeu o jovem. “Essas pessoas são membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e muitas delas vivem apenas a alguns quilómetros de si. Gostaria de se encontrar com elas?”

**“Sabia que há outras pessoas que creem o mesmo que o senhor?”, perguntou o jovem. “Não!”, respondeu Savka. “Quem são essas pessoas? Onde posso encontrá-las?”**



# Para a história da Igreja Adventista em Vila Meã/ Castelões...

*... As Origens... (Parte I)*



**Dr. Victor Alves**

*Professor aposentado de História, no CAOD – Colégio Adventista de Oliveira do Douro*



Casa dos Sá, onde Rentfro pregou sobre a Segunda Vinda de Jesus e o Sábado.

Motivado pelo “Relato pitoresco da experiência de um Pioneiro Adventista português”, publicado na *Revista Adventista* de agosto de 2022, dado a conhecer sabiamente pelo Dr. Samuel Ribeiro, gostaria de relançar o artigo por mim publicado na *Revista Adventista* de janeiro de 2007 (às páginas 30 e 31) sobre o tema “Para a história da igreja de Vila Meã”.

Dizia o citado “Relato pitoresco” que, por volta de 1908, na Rua do Bonfim, no Porto, a então criança de sete anos, António Dias Gomes, “encontrou uma família de Vila Meã constituída por um respeitável cavaleiro, o Sr. Sá, a sua sobrinha Aninhas, uma sua filha e o seu filho, já homem, João de Sá Pereira do Lago”.

Quem era este “ respeitável cavaleiro” que tinha como sobrenome “Sá”?

Antes de mais, este Sá tinha um irmão, que se chamava Joaquim. De acordo com o Registo dos Enterramentos efetuados no Cemitério Paroquial de Paranhos, da cidade do Porto,

aparece o registo nº 142 com o nome de Joaquim Sá Pereira do Lago, de 24 de abril de 1942. O “ respeitável cavaleiro” chamava-se Sebastião. Assim, temos dois irmãos: o Sebastião, nascido em 1847, e o Joaquim, em 1849. Estas duas crianças vão nascer no Lugar da Feira, na Freguesia de Atáide, Vila Meã, na altura Concelho de Amarante, hoje Concelho de Penafiel.

Entretanto, o Joaquim vai morrer solteiro e o seu irmão, o Sebastião, vai casar. Deste casamento vai surgir um rebento que se tornará fundamental para a história do movimento Adventista na Região Eclesiástica Norte. O seu nome é João de Sá Pereira do Lago.

Os dois referidos irmãos vão crescer num ambiente Católico muito fechado. Mas, se João de Sá é um personagem incontornável da história do Movimento Adventista no Norte, qual será o papel do seu pai, Sebastião, e do seu tio, Joaquim, neste Movimento?

As origens da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Vila Meã/Castelões, na

Região Norte, remontam aos anos finais do século XIX e continuam por todo o século XX e início do século XXI.

Mesmo antes de iniciarmos estas memórias da igreja de Vila Meã/Castelões, convém considerar que o surgimento do Movimento Adventista em Portugal está inserido nos movimentos religiosos do século XIX, que puseram o acento e o fervor na pregação da Palavra viva de Deus. Assim, o Movimento Adventista insere-se naquele Movimento que se vai chamar “Evangélico” e a responsabilidade pela sua introdução em Portugal, no século XIX, é, maioritariamente, de estrangeiros residentes no país.

Na década de trinta do século XIX, as pessoas praticamente desconheciam a Bíblia. Durante o século XIX era grande o analfabetismo em Portugal. Ignorância e trevas eram uma realidade, e oitenta por cento da população não sabia ler nem escrever.

Irmãos de Vila Meã em outubro de 1953.

Da esquerda para a direita temos o irmão Joaquim Pereira, da freguesia da Carvalhosa, o irmão Pinto da “Palha”, o irmão Pinto da “Fonte” e a sua esposa Celeste, com o respetivo filho.



Apesar deste forte analfabetismo em Portugal, nos finais do século XIX, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) conseguia um grande avanço no campo da evangelização através do árduo trabalho dos Colportores que, de Norte a Sul do país, vendiam as suas Bíblias. É óbvio que estes Colportores procuravam sempre as pessoas que sabiam ler.

Além disso, os Colportores, em muitas partes do país, aperceberam-se da grande miséria. Quando ofereciam os seus livros eram muitas vezes confrontados com a seguinte resposta: “Deem-nos pão para comer; nós não temos dinheiro para comprar comida, muito menos livros” (Tavares, 2005/80).

Entretanto, gostaria de incluir neste trabalho a ação de dois Colportores da SBBE que, em 1866 (o Joaquim, nesta altura, teria uns 15 anos), visitaram a cidade do Porto e fixaram residência em Vila Nova de Gaia. Por causa dos seus contactos, sofreram perseguições e o Tribunal da Relação do Porto absolveu-os. É neste período que surgem alguns paroquianos das igrejas de Mafamude e de Oliveira do Douro. Começaram a reunir-se para ler a Bíblia. As aulas bíblicas rapidamente prosseguiram, ora em casa de um, ora na casa de outro (Peixoto, 2001/42 e 43).

Curiosamente, cem anos depois, no início da década de 1960 do século XX, era inaugurada a igreja Adventista do Sétimo Dia de Oliveira do Douro. A semente lá estava e dava os seus frutos.

Voltemos à questão dos Colportores do último quartel do século XIX. É importante, para o Movimento Evan-



Primeira sala de culto em Vila Meã/Castelões

gético, o trabalho destes arautos da Palavra de Deus, que, na transição para o século XX, nos deixaram dezenas de locais de culto (Peixoto, 2001/45).

Voltemos também aos dois irmãos de Vila Meã.

Na década de 90 do século XIX, passou por aquele Lugar da Feira, Freguesia de Ataíde, Vila Meã, um Colportor que trabalhava para a SBBE. O contacto deu-se e o resultado foi a venda de uma Bíblia ao Joaquim. Este, no seu entusiasmo pela maravilhosa descoberta, não a guardou só para si e, tipo “Operação André”, foi mostrar o seu Tesouro ao seu irmão Sebastião, que também comprou uma Bíblia ao mesmo Colportor, que tinha como sobrenome Carmesim. A idade dos dois irmãos devia rondar os 45 ou 50 anos, por esta altura.

Quem seria este Colportor de nome Carmesim?

Nas consultas à Resenha Biográfica da primeira geração de Colportores divulgada por Vítor Tavares, no seu

trabalho “Ultrapassando obstáculos: os Colportores”, publicado na *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Ano IV, 2005, esta faz referência a dois Colportores que andaram perto de Vila Meã, isto é, de Penafiel. Um deles, o chamado Brandão, foi admitido na SBBE no início do século XX, mais propriamente em 1903. Esta data já é posterior, logo ele não pode ser o Carmesim. No entanto surge outro, ainda mais antigo, que, em 1885, tinha uma área de ação desde Penafiel até Trás-os-Montes. Chamava-se António Joaquim de Castro. Não será este o Carmesim da nossa história? São os únicos Colportores que andaram neste território, de acordo com a Resenha de Tavares.

É de referir que, nesta década de 90 do século XIX, Joaquim mantinha diálogo muito aceso contra alguns Padres Jesuítas e ajesuitados. Assim sendo, ele professava nesta época já uma forte convicção Protestante. Surgiu um problema que se prendia com o facto de que a doutrina da Igreja Católica e

as mensagens da própria Bíblia entravam em contradição. Com a venda das Bíblias da SBBE, surgiu então a grande dúvida quanto a estas Bíblias.

Os dois irmãos não esperaram muito tempo e foram perguntar ao seu mentor espiritual, o senhor Padre. Os resultados das perguntas foram muito negativos. Mas os dois irmãos decidiram seguir as doutrinas bíblicas e nunca mais regressaram à sua antiga Igreja (João de Sá, 1952).

Estes irmãos não ficaram imunes ao aceitarem a nova luz. Logo foram sujeitos a ondas de perseguição. A posição da Igreja Católica, que sempre foi forte e exclusiva, explica não só a desconfiança face à novidade, como até a natural rejeição a que uma nova Confissão estava indubitavelmente sujeita (Peixoto, 104).

A atividade Protestante constituiu sempre incómoda barreira para o clero mais intolerante. Os sacerdotes, pelo seu lado, não se eximirão a contribuir com a sua quota-parte para o acervo de intolerância e de perseguição (Peixoto, 108 e 109).

Por causa da sua nova fé, na aldeia eram conhecidos como os “maçónicos” (Cristãos negros) porque pertenciam a uma seita secreta que queria a destruição dos “santinhos” e da Igreja (João de Sá, 1952).

Entretanto, chegava a Portugal o primeiro Missionário Adventista, no segundo semestre de 1904, chamado Clarence Rentfro. Os primeiros conversos foram batizados no ano de 1906, em Lisboa, e no ano de 1907, no Norte. Deste segundo grupo fazia parte o jovem, com aproximadamente 17 anos, chamado João de Sá Pereira

do Lago, filho de um dos dois irmãos de Vila Meã, o Sebastião.

Estamos em 1906. Carmesim lembrou-se do Joaquim e do Sebastião e pediu a Rentfro e a outro pregador Adventista que estava em Portugal, de nome Schwantz, que fossem visitar estes dois irmãos. Lá foram os três em pleno mês de agosto e, depois de terem percorrido 60km de comboio, chegaram de surpresa.

“Em 17 de junho do mesmo ano de 1907, encontramos-lo em Vila Meã, perto de Penafiel, vendendo dois exemplares de *O Preceptor da Bíblia no Lar*” (Ferreira, 2008, p. 73).

Fez precisamente 116 anos, no mês de agosto de 2022, que aconteceu este encontro, na casa do Sebastião. Uma Escola Sabatina foi constituída nessa casa. Mais tarde, três pessoas foram batizadas: os dois irmãos e a sua mãe, uma senhora de 96 anos, que se chamava Maria Antónia (Alves, 2007).

O tempo passou. Estas pessoas já há muito que descansam.

Depois destes acontecimentos do fim do século XIX e início do século XX, vão passar mais quarenta anos e, na década de 50 do século XX, existia uma Escola Sabatina com 15 membros (João de Sá, 1952).

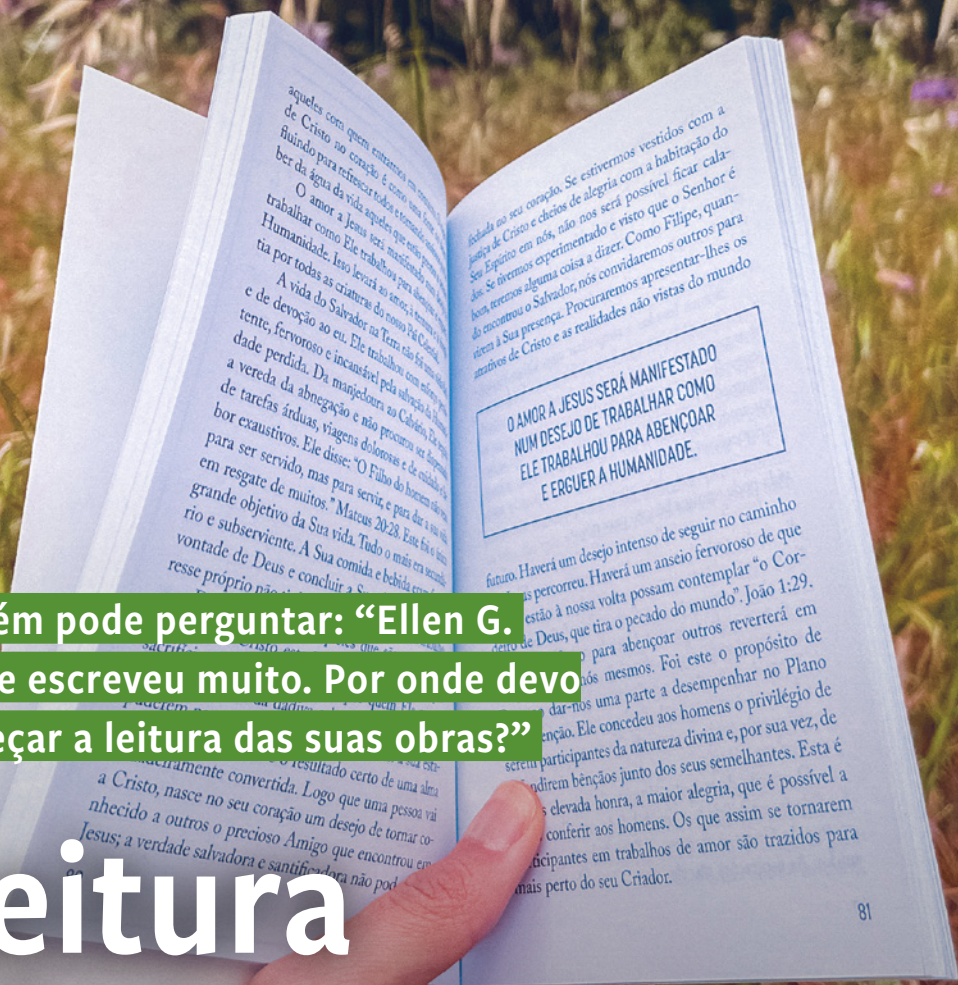
#### **Bibliografia**

- Alves, Victor, *Revista Adventista*, janeiro de 2007, p. 30.  
Ferreira, Ernesto, *Arautos de Boas Novas*, Publicadora SerVir, 2008.  
Lago, João de Sá, *Revista Adventista*, junho de 1952.  
Lago, João de Sá, *Revista Adventista*, julho de 1952.  
Peixoto, Fernando, *Diogo Cassels: Uma vida em duas margens*, C. M. de Vila Nova de Gaia, 2001.  
Peixoto, Fernando, “O que se sabe e o que se procura sobre o Protestantismo em Portugal”, Grupo de Estudos das Minorias Religiosas da Universidade do Porto, *Lusotopie* 1999, pp. 257-269.  
Tavares, Vítor, “Ultrapassando Obstáculos: os Colportores”, *Revista Lusófona de Ciências das Religiões*, Ano IV, 2005, nº 7/8, pp. 79-95.



Denis Kaiser  
Historiador

Retirado da Revista Adventista  
do Brasil de fevereiro de 2023.



Alguém pode perguntar: “Ellen G. White escreveu muito. Por onde devo começar a leitura das suas obras?”

# Leitura efetiva

Há alguns anos, estava a dialogar com um grupo de estudantes a respeito do tema do amor de Deus nos escritos de Ellen G. White (1827-1915). Um estudante respondeu: “Conheci Ellen G. White através de um grupo muito legalista e foi difícil para mim ver o amor de Deus ali!”

Na minha experiência, a maior parte dos adolescentes e dos jovens foi apresentada aos escritos de Ellen G. White num contexto em que ela foi usada como juíza da sã doutrina, árbitra da interpretação correta e regra para questões de estilo de vida. Foi somente quando “provaram” os seus escritos por si mesmos que a opinião deles melhorou. Isto conduz-nos à reflexão sobre como apresentamos às pessoas a obra dessa personalidade histórica importante, que foi essencial no estabelecimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e que ainda exerce uma forte influência na vida de muitas pessoas.

### Por onde começar?

Alguém pode perguntar: “Ellen G. White escreveu muito. Por onde devo começar a leitura das suas obras?” Muitos leitores contemporâneos de Ellen G. White conheciam-na pessoalmente ou tinham lido os seus artigos nas *Revistas Adventistas*. Por isso, geralmente reconheciam os temas principais e os assuntos recorrentes nas suas palestras e nos seus textos, o que lhes permitia ler os seus livros conhecendo o contexto no qual foram escritos.

Hoje, ninguém pode alegar ter conhecido, ouvido ou encontrado pessoalmente Ellen G. White. Sem essa

## Foi somente quando “provaram” os seus escritos por si mesmos que a opinião deles melhorou.

experiência, estamos em desvantagem para compreender aquilo que ela escreveu especificamente para as pessoas naquela circunstância. Esses são os textos que, muitas vezes, são mal compreendidos e mal utilizados.

Embora não seja possível ter uma experiência pessoal com Ellen G. White, como os seus contemporâneos tiveram, acredito que seja possível ler as suas obras de tal maneira que possamos desenvolver uma perspectiva semelhante. Esse “método” é baseado na realidade de que alguns dos seus textos foram escritos tendo em vista algum público Adventista específico. Outros, por sua vez, foram escritos para o grande público, tanto Adventista, como não-Adventista.

Embora o conjunto de cartas escritas por ela não exigisse algum conhecimento de Ellen G. White como pessoa ou alguma noção da sua reivindicação quanto à inspiração divina, as publicações para os leitores Adventistas poderiam esperar, pelo menos, uma compreensão básica desses pontos. Sugiro que se comece o estudo com os textos que não exijam nenhum conhecimento do contexto em que a autora escreveu.

### Textos para um público amplo

Nesta categoria estão os textos sobre uma grande variedade de assuntos, como salvação, Jesus, Conflito Cósmico, educação e saúde. Um ponto



de partida para conhecer as ideias mais importantes de Ellen G. White é o livro *Aos Pés de Cristo*, publicado originalmente em 1892 pela editora evangélica *Fleming H. Revell*. Esse pequeno livro apresenta uma singela descrição do caráter divino e revela, de maneira prática, como tornar-se e como permanecer Cristão. A obra explica muitos dos principais assuntos e das principais ênfases do ministério de Ellen G. White, como o amor, a autenticidade, a espiritualidade, o compromisso, o crescimento e a alegria.

O seu amor por Jesus e pelas Escrituras impulsionou o seu ministério e a sua interação com as pessoas. A principal ênfase na sua narrativa do Grande Conflito é Jesus como a manifestação suprema do amor altruísta de Deus. *O Desejado de Todas as Nações* (1898), *O Maior Discurso de Cristo*

(1896) e *Parábolas de Jesus* (1900) tratam de aspetos como a pessoa, a vida, os ensinamentos e a morte de Cristo. Os dois últimos livros, abrangendo o Sermão da Montanha e as parábolas, originalmente deveriam fazer parte de *O Desejado de Todas as Nações*, mas, como esse livro já se tornara muito extenso, foram publicados separadamente.

Os seus outros livros sobre a metanarrativa do Grande Conflito – *Patriarcas e Profetas* (1890), *Profetas e Reis* (1917), *Atos dos Apóstolos* (1911) e *O Grande Conflito* (1888 e 1911) – abordam o caráter do amor de Deus. Usando a frase “Deus é amor” como as primeiras palavras em *Patriarcas e Profetas* e como as últimas palavras em *O Grande Conflito*, ela empregou o texto de I João 4:16 como a estrutura de toda a narrativa.

No livro *Educação*, Ellen G. White enfatizou que “o amor, a base da Cria-





ção e da Redenção, é a base da verdadeira Educação” (ed. P. SerVir, p. 11). O amor desinteressado por Deus e pelas outras pessoas está na base do serviço altruísta e de todo o verdadeiro crescimento. Isto é mais fácil por meio do desenvolvimento harmonioso do corpo e da mente. Uma vez que o verdadeiro amor altruísta necessita do livre-arbítrio, a “verdadeira educação” visa desenvolver essa faculdade, treinando “os jovens para que sejam pensadores, e não meros refletores do pensamento de outros homens” (ed. P. SerVir, p. 12).

Finalmente, os mesmos temas reaparecem em *A Ciência do Bom Viver*, um manual de ministério altruísta para quem tem necessidades físicas, emocionais e espirituais. Este tipo de ajuda ilustra o amor de Jesus, tornando-se num “poder vitalizante” que transmite a cura a “todos os órgãos vitais – o cére-

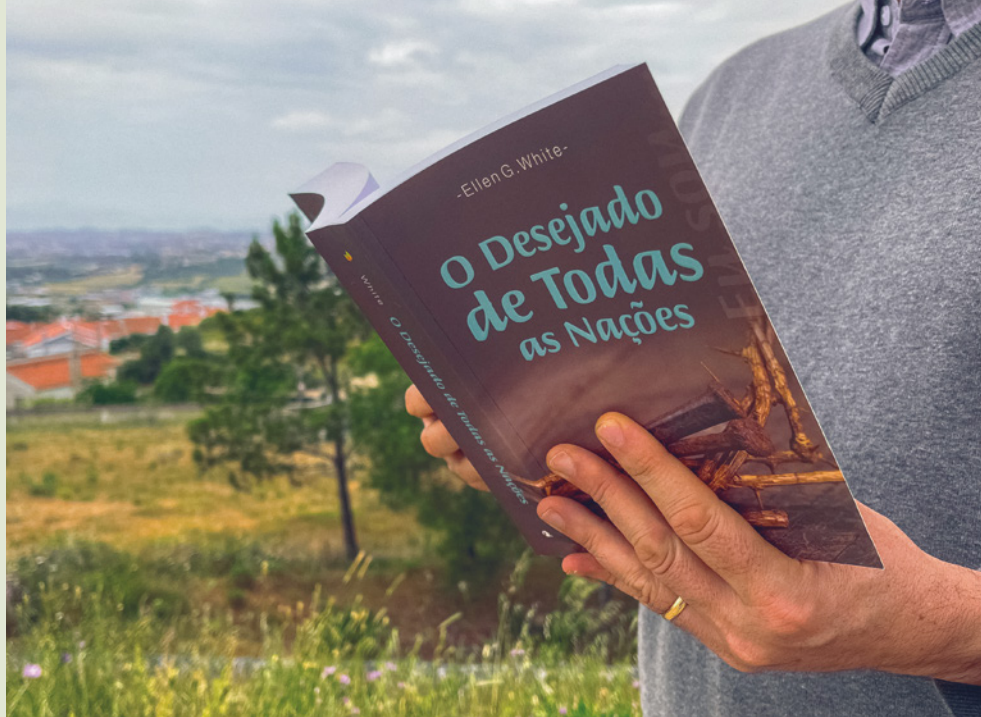
bro, o coração, os nervos” (ed. P. SerVir, p. 70). Portanto, a ilustração prática do amor de Deus torna-se numa ferramenta importante para alcançar as pessoas no contexto da narrativa cósmica.

### Textos para um público limitado

Quando percebemos a ênfase de Ellen G. White no amor de Deus, tal como manifestado em Cristo, e na sua demonstração na nossa vida pessoal, somos preparados para os escritos da autora direcionados ao público Adventista. Uma vez que esses textos falam frequentemente de situações e de circunstâncias específicas, é útil conhecer o contexto no qual foram escritos. O livro *Life Sketches* (1915) oferece uma visão geral de aspetos sobre a vida, a família, as experiências, as visões e as viagens de Ellen G. White.

O livro Ellen G. White *Letters and Manuscripts with Annotations (1845-1859)* é uma tentativa de disponibilizar informações sobre o contexto histórico da sua interação pessoal e dos seus conselhos inspirados. Isto também pode explicar por que ra-

***O seu amor por Jesus e pelas Escrituras impulsionou o seu ministério e a sua interação com as pessoas. A principal ênfase na sua narrativa do Grande Conflito é Jesus como a manifestação suprema do amor altruísta de Deus.***



zão o seu filho William White (1854-1937) expressou a necessidade de que os *Testemunhos para a Igreja* (1855) fossem publicados com informações sobre o contexto histórico (Carta de W. C. White para Guy Dail, 28 de agosto de 1929).

Ellen G. White publicou alguns materiais para grupos específicos da Igreja, que possivelmente estariam cientes das ênfases principais do seu ministério. Os livros *The Southern Work* (1898, 1901), *Obreiros Evangélicos* (1892, 1912) e *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes* (1913) encaixam-se nesta categoria. A leitura destes livros será benéfica, se for feita partindo da perspectiva obtida por meio da leitura das suas obras para o público geral.

Após descobrirmos as principais ênfases de Ellen G. White, conhecermos a sua biografia e compreendermos a natureza geral dos *Testemunhos*, estamos mais bem preparados para estu-

dar as compilações póstumas dos seus escritos, como *Conselhos sobre o Regime Alimentar* (1938), *Evangélico* (1946), *Temperança* (1949) e *O Lar Adventista* (1952), entre outros.

Muitos dos recortes de compilações são declarações que ela originalmente fez para tratar de circunstâncias específicas, tendo sempre em mente o seu propósito geral. Algumas vezes, ela deu conselhos aparentemente contraditórios a pessoas diferentes e, dependendo das circunstâncias e das questões, aplicou princípios bíblicos distintos.

A maioria dos estudantes que se familiarizam com Ellen G. White desta maneira declara que a percepção que tinha sobre ela foi transformada. Isto não criou apenas uma perspectiva mais equilibrada, mas também permitiu que se apreciasse o conteúdo das obras da autora em harmonia com a sua intenção e com o seu propósito originais.



**Clifford Goldstein**

*Editor do Manual de Estudo  
da Escola Sabatina dos Adultos*

*Retirado da Adventist Review  
de 21 de fevereiro de 2013.*

**“E formou o Senhor  
Deus o homem do pó  
da terra, e soprou em  
seus narizes o fôlego  
da vida: e o homem  
foi feito alma vivente”  
(Gênesis 2:7).**

# Uma frase que se refuta a si mesma



É curioso como se pode ler o mesmo texto durante anos e, depois, lê-lo outra vez e encontrar algo novo. “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida: e o homem foi feito alma vivente” (Gênesis 2:7). O texto hebreu diz que Deus formou “o homem”, isto é, *uma* pessoa. A frase “e o homem foi feito alma vivente” também exprime o singular. Assim, os verbos, os nomes e os pronomes possessivos em Gênesis 2:27 mostram que foi criado *um* homem, *o* homem. Em Gé-

***Tudo no texto de Gênesis 2:7 implica que o homem foi primeiro criado como um ente integral, mas sem vida. Só depois de ter um corpo humano completo é que ele se tornou numa “alma vivente”.***

nesis 2:7, “o homem”, este homem determinado, é criado primeiro; depois Deus “soprou em seus narizes o fôlego da vida” e aquele homem tornou-se numa “alma vivente”. Ora bem, para que serve o nariz sem pulmões? Mas os pulmões são inúteis sem sangue. E o sangue exige a existência de um coração. E um coração precisa (entre muitas outras coisas) de um Sistema Nervoso sofisticado, o que implica – no homem – a existência de um cérebro. Se o homem tinha nariz, então tinha também uma face; e se ele tinha uma face, tinha uma cabeça, o que implica ter uma caixa craniana, e assim por diante. Tudo no texto de Gênesis 2:7 implica que o homem foi primeiro criado como um ente integral, mas sem vida. Só depois de ter um corpo humano completo é que ele se tornou numa “alma vivente”.

Assim, aceitando *a priori* as afirmações dos meus amigos evolucionistas teístas de que respeitam as Escrituras, pergunto-lhes com toda a sincerida-

de: Como é que a Teoria da Evolução pode ser harmonizada com este texto? Não conseguem ver a existência de uma contradição irreconciliável entre ele e o esquema evolucionista? Por que razão o Senhor teria inspirado a redação deste texto, que reflete este modelo da Criação, se Ele, de facto, tivesse usado um modelo inteiramente diferente? Para que serviria o texto de Génesis 2:7, se fosse verdade o oposto do que ele ensina?

“Dado que a Ciência aponta para o modelo evolucionista, não temos escolha senão fundir este modelo com o texto bíblico”, parecem dizer os Evolucionistas Teístas. No entanto, a Ciência evolucionista é o quê? Vinte por cento de provas empíricas essenciais esticadas e extrapoladas por oitenta por cento de especulação moldada por pressupostos metafísicos construídos com base na cultura contemporânea, na pressão dos pares, na psicologia pessoal, na filosofia e noutras variáveis que pouco têm a ver com a Ciência pura. Por que razão haveríamos de opor um tal enredo subjetivo a um texto bíblico explícito?

Além disso, a Teoria da Evolução é baseada na seleção natural e na mutação aleatória. Trata-se de seleção *natural*, em contraste com seleção *sobrenatural*. E mutação *aleatória*? Como é que a seleção poderia ser aleatória, se fosse Deus que a estivesse a guiar? Os próprios nomes destes processos supostos pela teoria excluem a intervenção divina, o que torna a frase “Evolução Teísta” numa frase que se refuta a si mesma. Richard DeWitt, na obra *Worldviews: An Introduction to the History and Philosophy of Science* (*Mundi-*

***Os próprios nomes destes processos supostos pela teoria [seleção natural e mutação aleatória] excluem a intervenção divina, o que torna a frase “Evolução Teísta” numa frase que se refuta a si mesma.***

*vidências: Uma Introdução à História e à Filosofia da Ciência*), escreveu: “Assim, se se acrescenta um envolvimento sobrenatural ao relato da evolução por seleção natural, por exemplo, permitindo-se que Deus Se intrometa no processo evolutivo, então já não se trata de seleção natural. Já não estamos a levar a sério a Ciência natural e a Teoria da Evolução. Em resumo, levar a sério a Ciência natural significa que um relato do desenvolvimento evolutivo que é influenciado decisivamente por um Ser sobrenatural não é uma opção intelectual honesta” (p. 313, edição *Kindle*).

Foi ele que o escreveu, não eu. Normalmente, quando chego a este ponto começo a bufar, a gozar e a ralar. Mas agora não o quero fazer. Em vez disso, peço humildemente que alguém me explique como é que se pode, de modo sério, unir Génesis 2:7 com um modelo evolucionista sobre as origens da vida na Terra. Todos nós temos de ter fé em algo. O que eu não compreendo é como é que aqueles que pretendem crer na Bíblia podem ter fé em algo que, à luz de Génesis 2:7, está em tão grande contradição com ela.

## Um encontro providencial

Francisco Silva  
*Colportor-Evangelista*

Numa das minhas visitas à terra onde nasci, Alpendurada, vi um jovem africano a correr como se estivesse a fazer desporto. Era um domingo de manhã. Naquela terra raramente se vê uma pessoa negra, pelo que isso despertou-me a atenção. Depois de o jovem passar por mim a correr, tendo avançado dez ou quinze metros, senti um impulso que me levou a chamá-lo. Senti que Deus queria que eu lhe entregasse alguma literatura e que falasse um pouco com ele. Assim, gritei: “Ó jovem!” Quando ele me ouviu chamar parou e voltou para trás, ao meu encontro. Eu disse-lhe então: “Espera um pouco, que eu quero dar-te algo.” Fui ao carro buscar uma revista *Sinais dos Tempos* e alguns folhetos e dei-lhos. Ele analisou rapidamente a minha oferta e, vendo que era literatura religiosa, perguntou-me: “De que Igreja é esta literatura?” Eu respondi: “Da Igreja Adventista do Sétimo Dia.” Ele disse-me: “Eu também já fui dessa Igreja.” Perguntei-lhe: “E já não és? Porquê?” Ele respondeu: “Os meus pais são Adventistas em Angola e eu, quando era criança, ia

Envie-nos o seu testemunho para:  
[revista.adventista@pservir.pt](mailto:revista.adventista@pservir.pt)

com eles à igreja. Mas, quando cheguei aos 18 anos, deixei de frequentar a Igreja e nunca mais lá voltei.” Perguntei-lhe então: “Chegaste a batizar-te?” “Não”, respondeu-me ele, e logo perguntou: “Há aqui alguma igreja Adventista do Sétimo Dia?” Eu indiquei-lhe a igreja mais próxima, em Alpendurada, que ficava a cerca de cinco quilómetros. “Queres conhecê-la? Posso mostrar-te onde fica”, disse-lhe eu. Ele disse-me: “Gostava realmente, porque nunca ouvi dizer que houvesse uma igreja Adventista por aqui.” Convidei-o a entrar no meu carro e fui mostrar-lhe a igreja. Quando chegámos lá, apresentei-lhe a minha irmã Joaquina, também Adventista. Contei à Joaquina o que tinha acontecido. Oferecemos ao jovem uma Bíblia, e ele começou a frequentar a Igreja. Como trabalha numa pedreira e tem amigos angolanos a trabalhar e a viver no estaleiro, começou a convidar alguns deles para o acompanharem à igreja.

Mais tarde, noutra ocasião, quando voltei a Alpendurada, encontrei novamente o jovem, acompanhado por um amigo. Falei com os dois e propus que estudássemos juntos a Bíblia pelo *WhatsApp*. Eles aceitaram. Depois de estudarmos a Bíblia durante alguns meses, tive a alegria de assistir ao batismo deles no Sábado 11 de fevereiro de 2023. Foi com muita alegria que me desloquei de Lisboa a Alpendurada para estar presente na cerimónia batismal, oficiada pelo Pastor Enoque Nunes. Mais duas almas foram assim acrescentadas ao Reino de Deus. Deus seja louvado!



## ESPÍRITO DE PROFECIA

Daniel Vicente | Diretor do Serviço de Espírito de Profecia da UPASD

# A transformação de um homem

Saulo de Tarso, o apóstolo que mais escritos deixou à Igreja, era “cidadão romano de nascimento...”, apesar de ser Judeu por descendência”.<sup>1</sup> Tinha uma educação rabínica, tendo “sido educado em Jerusalém pelos rabis mais eminentes”.<sup>2</sup> No seu zelo religioso, antes da sua conversão, tinha-se tornado numa pessoa “profundamente agitada” e perplexa.<sup>3</sup> Mas, ao converter-se, depois do seu encontro sobrenatural, foi convencido pelo Espírito Santo de que, ao “perseguir os seguidores de Jesus, na verdade tinha estado a fazer o trabalho de Satanás”.<sup>4</sup> “Saulo tinha estado a lutar diretamente contra o Senhor do Céu.”<sup>5</sup>

Ellen G. White prossegue e afirma que tinham sido o preconceito de Saulo em relação aos seguidores de Cristo, e a sua incredulidade, que obscureceram “a percepção espiritual, impedindo-o de ver em Jesus de Nazaré o Messias da profecia”.<sup>6</sup> Mas, quando foi designado “por Cristo para uma importantíssima obra, alguém de quem Deus disse: ‘este é para mim um vaso escolhido’, ... o Senhor não lhe disse imediatamente qual a obra que devia realizar. ... convenceu-o do pecado; e quando Saulo perguntou: ‘Que queres que eu faça?’, o Salvador colocou-o em contacto com a Sua Igreja, para que obtivesse o conhecimento da vontade de Deus em relação

a ele”.<sup>7</sup> Fala ainda de Paulo como sendo “corajoso, independente, perseverante... Era capaz de argumentar com uma extraordinária clareza, e, através do seu fulminante sarcasmo, podia colocar o adversário numa posição nada invejável”, sendo uma pessoa “preeminente”.<sup>8</sup>

Agora Paulo encontrava-se, pelo poder de Deus e pela sua conversão autêntica, do lado da Igreja, mas a “mudança da sua fé não se devia a um impulso ou a fanatismo, mas era o resultado de uma irresistível evidência”.<sup>9</sup>

A transformação que, pouco a pouco, se foi produzindo em Paulo fez com que se esvaziasse “dos preconceitos e tradições que até então tinham moldado a sua vida”.<sup>10</sup> Era evidente, para Paulo, que Deus o tinha chamado para uma missão importante, mas que não eram os seus dotes anteriores que fariam dele um proeminente orador e missionário. Sabia que era apóstolo, não por sua própria vontade, mas pela vontade de Deus.<sup>11</sup> Por isso, dedicou tempo ao estudo das Escrituras, para pregar o Evangelho “não em sabedoria de homens, mas no poder de Deus”.<sup>12</sup>

**A “mudança da sua fé não se devia a um impulso ou a fanatismo, mas era o resultado de uma irresistível evidência”.**

**1**  
Ellen G. White,  
*Atos dos Apóstolos*, Sabugo:  
Publicadora SerVir,  
2008, p. 81.

**2**  
*Ibidem.*

**3**  
*Ibidem.*

**4**  
*Idem*, p. 83.

**5**  
*Idem*, p. 84.

**6**  
*Idem*, p. 85.

**7**  
*Idem*, p. 86.

**8**  
*Idem*, p. 89.

**9**  
*Idem*, p. 90.

**10**  
*Idem*, p. 90.

**11**  
I Coríntios 1:1 e  
Gálatas 1:1.

**12**  
I Coríntios 2:5.



Estávamos no verão de 1995. Sentado na parte reservada a visitantes que não eram Delegados à Assembleia-Geral dos Adventistas do Sétimo dia reunida naquele ano em Utrecht, na Holanda, ouvia com atenção a discussão em torno de uma proposta de pequenas alterações ao capítulo 13 do *Manual da Igreja*, que versa sobre “Casamento, Divórcio e Novo Casamento”. Ao meu lado estava um Pastor de um país ocidental, que como eu, seguia o debate. A dada altura começámos a dialogar e perguntei-lhe como aplicavam aquelas regras no contexto da sua realidade. Não posso esquecer o seu olhar desolado quando, de forma evasiva, me disse que o problema que tinham nesta área já se tinha tornado ingovernável.

Foi provavelmente o que terá acontecido no antigo Israel quando Moisés

promulgou a lei do divórcio (Deuterónimo 24:1-4; Mateus 19:7; e Marcos 10:4). A julgar pelos comentários de Jesus a este facto, ele não o fez porque Deus tivesse mudado o plano inicial ideal para o casamento, mas por causa da dureza dos corações (Mateus 19:3-8 e Marcos 10:2-9). Tal como Moisés, Paulo, no Novo Testamento, foi chamado a lidar com problemas que surgem no seio do casamento. É principalmente no capítulo 7 de I Coríntios que o encontramos a lidar com os dilemas que surgem no casamento, ao ponto de chegar a afirmar que os que casam “sofrem angústias na carne” (v. 28). Daí que a decisão de se casar deva ser bem ponderada. Uma leitura isolada deste capítulo tem, inclusivamente, levado alguns a pensar que Paulo desaconselha o casamento. Encontramos, entretanto, o apreço e o endosso de Paulo por esta

## Como lidar com os problemas que surgem no casamento?

*A abordagem pastoral de Paulo.*





instituição divina quando lemos Efésios 5:22-33, onde o casamento serve como analogia da relação entre Cristo e a Sua Igreja. Ele diz, em I Timóteo 3:2, que os bispos sejam maridos de uma só mulher, e aos Hebreus afirma ser o matrimônio digno de honra (Hebreus 13:4). Também advertiu que, entre os enganos que surgiriam nos últimos dias, estaria a proibição do casamento (I Coríntios 4:3). Como uma catedral cercada de casas muito humildes e deterioradas, esta instituição edénica do casamento permanece como um monumento num mundo ressequido pelo egoísmo, pela maldade e pela imoralidade humanas. O que fazer?

Para responder às perguntas que surgiam foi escrito I Coríntios 7. Imoralidade sexual (I Coríntios 5:1 e 7:2), ruptura da união familiar (vv. 10 e 11) e casais em jugo desigual (vv. 12 e 13) eram alguns dos problemas da igreja de Corinto. Num contexto como este, de facto, não estar casado podia ser uma vantagem (vv. 1, 7 e 8, 26, 28, 32, 38 e, 40). A este respeito Ellen G. White diz: “Não deve haver grande ostentação e gozo sobre a união dos nubentes. Não há um casamento em cem que resulte em felicidade, tenha a aprovação de Deus e coloque os cônjuges em condições de melhor O glorificarem.” – *Testemunhos Seletos*, vol. I, p. 573.

Sim, não podemos ignorar de ânimo leve a miséria e o sofrimento que se vive no matrimônio em função da condição pecaminosa em que a Humanidade caiu. Cuidadosa atenção deve ser dada ao assunto, e casamentos apressados e inapropriados devem ser evitados. Quando a relação matrimonial já está estabelecida e os conflitos latentes,

emergentes ou manifestos estão presentes, então é preciso procurar fazer o melhor possível nas circunstâncias menos ideais em que o casal se encontra. A essência dos conselhos dirigidos a cada cônjuge em dificuldades poderia ser:

Pensa nas necessidades do outro para serem ambos mais felizes (vv. 3-5).

Não tentes resolver os teus problemas conjugais embarcando num segundo relacionamento; procura antes resolver o problema com o teu cônjuge e, se a separação acontecer, não feches a porta à reconciliação iniciando uma nova relação (vv. 10 e 11).

Se, no que toca à vida espiritual, não existe comunhão no casal, exerce paciência e bondade, e vê nisso uma oportunidade para testemunhares da tua fé salvadora em Cristo (vv. 12-14; 16).

O casamento, por si, ou a ausência dele, não é o fator último e decisivo que determinará a felicidade da existência (vv. 27 e 28). Cristo pagou o preço (v. 23) para que possas ter paz nesta vida (v. 15). Este pensamento é particularmente relevante, se sofres no teu relacionamento conjugal ou se lamentas a tua “solidão”.

Por fim, é interessante notar que Paulo, continuando a dirigir-se aos crentes de Corinto, não perde de vista os ideais de Deus para os relacionamentos quando recorda que homens e mulheres são interdependentes; precisamos uns dos outros (I Coríntios 11:11 e 12). Passa então a erigir um verdadeiro *Taj Mahal* bíblico ao amor com o capítulo 13, que define de forma ímpar o amor e assegura que o amor nunca falha (I Coríntios 13:8). Esta é, sem dúvida, a melhor resposta aos complexos problemas matrimoniais.



Espaço«  
» Juvenil

# Os Heróis da Fé em Hebreus

Quero apresentar-te alguns heróis do nosso Planeta. Foram pessoas reais, como tu e como eu. Queres conhecê-los? Então, vem daí!

Abre a tua Bíblia em Hebreus 11, e vem visitar comigo a Galeria dos Heróis da Fé.

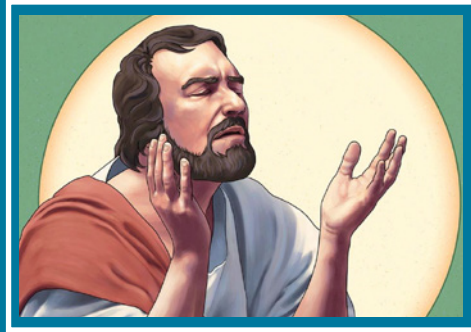


O **herói Abel** era filho de Adão e Eva, e ofereceu ao Senhor um sacrifício mais excelente do que o seu irmão, Caim. Deus aceitou a sua oferta. Aquele sacrifício apontava para o nosso Salvador Jesus, que iria morrer na cruz para nos salvar.

**EU VOU obedecer a Deus e fazer sempre a Sua vontade!**



**Conceição Lagoa**  
*Diretora-Associada da Área da Família da UPASD para os Ministérios da Criança*



O **herói Enoque** andava sempre com Deus e vivia a sua vida de modo a agradecer-Lhe. Imagina só que este herói foi transladado para o Céu, isto é, nunca morreu. E, neste momento, Enoque está a viver naquele lugar especial que tu e eu tanto ansiamos ver: o Céu.

**EU VOU andar com Jesus agora e viver para sempre ao seu lado, lá no Céu!**



O **herói Noé** aceitou o desafio de Deus e construiu uma grande arca. E, enquanto trabalhava na sua construção, pregava para que as pessoas deixassem de fazer coisas más e se arrependessem.

**EU VOU falar aos outros do meu Amigo Jesus!**



O **herói Abraão** empreendeu uma grande viagem, sem saber o destino. Deus disse-lhe para ir, e ele simplesmente obedeceu. Que grande fé a de Abraão! Por isso, é conhecido como “o pai da fé”.

**EU VOU fazer a viagem da minha vida com Jesus, até à Canaã Celestial!**



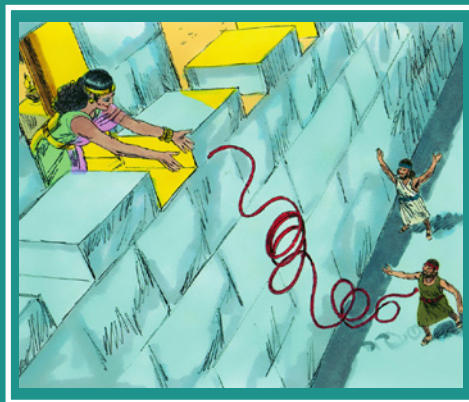
O **herói Moisés** foi escolhido para tirar o povo de Deus do Egito. O mais incrível é que ele trocou o trono e todos os tesouros do Egito pela oportunidade de servir o Senhor. Foi pela fé que, com a ajuda de Deus, atravessou o Mar Vermelho. Ele conduziu todo o povo até aos limites da Terra Prometida. Sabes, Moisés está a viver no Céu.

**EU VOU seguir, cada dia, em direção à Terra Prometida!**



O **herói José** conseguiu ser uma bênção em casa de Putifar, na prisão e mesmo no palácio. Vê só que chegou a ser governador do Egito...

**EU VOU fazer a diferença e ser uma bênção para os outros!**



A **heroína Raabe** foi uma mulher corajosa que vivia em Jericó. Ela hospedou e protegeu os espias israelitas. Assim, não foram capturados. E, para salvar os espias, montou o primeiro “elevador” da História, uma corda, e desceu-os pela janela da sua casa, que ficava na muralha e dava para fora da cidade.

**EU VOU ser corajoso e ajudar sempre aqueles que precisam!**



O **herói Gideão**, enquanto malhava o trigo, foi surpreendido pelo Anjo do Senhor. E recebeu a missão de liderar o exército de Israel contra o grande exército dos Midianitas. Ele combateu com apenas 300 homens e usou trombetas, cântaros vazios e tochas.

**EU VOU ser valente e confiar que, com Deus, posso vencer todas as batalhas da vida!**



O **herói Sansão** tinha muita força e, com a ajuda do Senhor, fez grandes coisas e lutou contra os Filisteus.

**EU VOU fazer grandes coisas para o meu Deus!**



O **herói Samuel** serviu o Senhor desde a sua infância, no Tabernáculo. Samuel ungiu os primeiros reis de Israel e foi um bom profeta.

**EU VOU servir o Senhor, hoje e sempre!**



O **herói David**, com a ajuda do Senhor, enfrentou o gigante Golias apenas com uma funda e algumas pedrinhas. David tinha um bom coração e foi o segundo rei de Israel.

**EU VOU permitir que Deus me use para o Seu serviço!**

Há **muitos outros heróis**, mas não tenho espaço suficiente para escrever o nome de todos eles. Esses heróis não foram perfeitos, mas, mesmo assim, foram considerados heróis. Cada um dos heróis viveu nesta Terra, mas com os olhos fixos no Céu.

*“Os quais, pela fé, venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam a boca dos leões...” Hebreus 11:33.*

Sabes, amiguinho, a Galeria dos Heróis da Fé ainda não está totalmente preenchida. Lá, há um lugar vazio. Sabes quem é que vai ocupar esse lugar? És tu! Sim, na Galeria dos Heróis da Fé há um lugar para ti.

Agora quero desafiar-te a viveres como os heróis da fé e a seguires o seu exemplo. Mantém a tua confiança em Deus e apegas-te às Suas promessas. E não te esqueças de que, quanto mais te relacionares com Ele, mais fé terás.

**“O justo viverá da fé.” Hebreus 10:38.**

**Que o maior Herói da Fé,  
JESUS, te abençoe e te  
guarde até ao Seu regresso,  
nas nuvens do Céu!**



## Sintra, uma igreja renascida

13 fev 2023 Ana dos Santos, Pastora Estagiária

No passado Sábado, dia 4 de fevereiro, foi reinaugurado o local de culto da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Sintra. Durante mais de uma década, as más condições do espaço situado na Avenida General José Estêvão de Moraes Sarmiento, nº 10, obrigaram os membros desta congregação a reunir-se provisoriamente nas instalações de outra Denominação religiosa. As obras de reconstrução do edifício começaram ainda no Quinquénio passado, pela mão do Pr. Joaquim Nogueira, tendo sido concluídas já sob a direção do Pr. Daniel Vicente.

A cerimónia de reinauguração contou com a presença da Administração da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, nas pessoas do seu Presidente – Pr. José Lagoa –, do seu Secretário-Executivo – Pr. Júlio Carlos Santos –, e do seu Tesoureiro – Dr. Daniel Simões, assim como dos muitos Ministros de Culto que passaram pela igreja de Sintra, entre outros convidados e amigos.

Após a cerimónia, os presentes puderam desfrutar de um almoço em convívio nos jardins da igreja, onde a

expressão no rosto de cada um revelava a alegria por voltar a ter um lugar de culto para toda a congregação.

Pela tarde houve um programa de louvor ao Senhor, onde se contou com a participação de vários irmãos da igreja de Sintra e das igrejas mais próximas. O dia ficou ainda marcado pela homenagem prestada ao casal mais idoso da igreja – o irmão Patrocínio Carolo e a irmã Deolinda Carolo.

A reabertura da igreja de Sintra foi um grande marco para a comunidade Adventista local, uma vez que assinala o regresso a um espaço bem presente na memória de várias gerações, permitindo adorar o Senhor em amor fraterno e partilhá-l’O com aqueles que ainda não O conhecem.

Agradecemos ao Senhor por todo o cuidado que teve e tem por cada um e louvamo-l’O porque, graças a Ele e ao esforço de todos os irmãos envolvidos, as obras puderam ser finalizadas.





### Luís Alho – Vida e Obra

1 mar 2023 | Família Alho

Luís Rodrigues Serpa Alho nasceu no dia 13 de setembro de 1936, em Nova Lisboa, Angola, e faleceu a 29 de janeiro de 2023, com 86 anos.

Conheceu a Palavra de Deus através de um colega, que lhe cedeu a primeira lição do curso da Escola Bíblica postal e, na sua ida à igreja, conheceu aquela com quem se casaria mais tarde, no dia 30 de dezembro de 1968, na igreja de Nova Lisboa, de quem teve uma filha, nascida a 15 de novembro de 1971.

Aos 17 anos, perdeu a sua perna direita na sequência de uma osteomielite, mas, apesar disso, continuou os seus estudos e formou-se como Técnico de Análises Clínicas e Saúde Pública. Mais tarde, por correspondência, tirou o Curso de Química para Farmácia, que sempre lhe foi útil ao longo da vida.

O seu primeiro trabalho foi no laboratório do Hospital de Silva Por-

to e, mais tarde, no Hospital Central de Nova Lisboa.

Em 1974, foi convidado pelo Dr. Roy Parsons para trabalhar no laboratório do Hospital do Bongo, infelizmente por pouco tempo, porque rebentou a Guerra Civil.

Chegado a Portugal, e em seguimento à realização de um sonho que sempre teve, preparou-se para ingressar na Escola de Medicina de Montemorelos, no México. O exame de admissão foi feito na presença do Pr. Ernesto Ferreira, o Presidente da União Portuguesa à época. Foi admitido entre os 50 alunos concorrentes, mas por razões difíceis, como a solidão, as saudades e a falta de alojamento para famílias na Faculdade, acabou por voltar para Portugal.

Angola tornou-se independente a 11 de novembro de 1975, e o que se seguiu após esse tempo, para os que ficaram, foi instabilidade, fome, falta de bens essenciais e uma grande epidemia de febre tifoide. O desejo de regressar para poder auxiliar e ser útil levou a que escrevesse à Divisão, alegando que poderia entrar na qualidade de Angolano, porque após a independência não havia relação diplomática entre Portugal e Angola. A resposta da Divisão foi imediata, enviando muitos medicamentos específicos para combate da epidemia.

O Conselho da União angolana deu permissão ao Luís para levar todo o equipamento necessário do laboratório do Bongo para Nova Lisboa. Ali, recebeu todos os que precisavam de auxílio, avisando sempre que não

era médico, mas que podia avaliar a razão das suas doenças e ceder-lhes os medicamentos necessários.

Teve de regressar a Portugal ano e meio depois, para poder dar à sua filha de cinco anos a possibilidade de estudar numa terra de paz e liberdade.

Já em Portugal, aceitou o desafio do Dr. José Manuel Ferreira para montar de raiz um laboratório para o Hospital de Cuba do Alentejo, onde trabalhou durante sete anos. Foi transferido depois para o laboratório do Centro de Saúde da Amadora, onde trabalhou até à sua reforma.

Por volta dos seus 60 anos, na sequência de um acidente, perdeu a visão do seu olho direito, experiência que o fez aperceber-se da dificuldade que os cegos e amblíopes têm para estudarem a Palavra de Deus. Teve, então, a ideia de criar o *Projeto Ómega*,

para que quem não pudesse ler tivesse autonomia para aceder às Lições da Escola Sabatina, à Bíblia e aos livros publicados pela Igreja Adventista através de cassetes e, mais tarde, de minidiscos, de CDs gravados e da publicação de materiais em áudio num *site* com acesso pela *Internet*.

A idade avançada e a doença fizeram com que o Projeto tivesse de passar para outras mãos, as do Paulo Santos, que tomou das mãos do Luís este ministério da Palavra gravada, de fácil acesso para quem não pode ler.

Da sua passagem por esta terra fica o legado de um homem que foi fiel a Deus, autodidata, determinado, sonhador e perseverante.

*“Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele” (I Tessalonicenses 4:14).*



# Novidade!



4€



Publicadora **SERVIR**



COMPRE *ONLINE* [WWW.PSERVIR.PT](http://WWW.PSERVIR.PT) | LIGUE 21 962 62 00

E-MAIL [CLIENTES@PSERVIR.PT](mailto:CLIENTES@PSERVIR.PT) |  +351 925 896 870